BIS Revista

ANO 10 - Nº 44
MAIO/AGO 2018

SINDICATO DAS ESCOLAS PARTICULARES DE MINAS GERAIS
SINEP/MG

A EDUCAÇÃO QUE QUERO PARA O BRASIL (do Oiapoque ao Chuí)

Pessoas fazem o país
Educação faz as pessoas

Diversos e renomados articulistas falam sobre o assunto

Novo site
Novas ideias
Mesmos propósitos

Seguro e dinâmico

Sempre atualizado

Integrado às redes

Navegável em diversos dispositivos

SINDICATO DAS ESCOLAS
PARTICULARES DE MINAS GERAIS

Rua Araguari, 644 - Barro Preto
BHte/MG - CEP:30190-114

BIS
Revista

MAI/AGO 2018
ANO 10 - Nº 44

4 **CARTA AO LEITOR**
Zuleica Reis Ávila

6 **ENTREVISTA**
O futuro é bilíngue
Laura Miccoli

OLHARES
9 *Andrea Ramal*
11 *Luciano Melo*
12 *Maria Ângela Barbato Carneiro*
14 *Marinice Souza Simon*
15 *Renata Gazzinelli*
16 *Ademar Batista Pereira*
18 *Eldo Pena Couto*
20 *José Donizetti dos Santos*
22 *Luciano Sathler*
24 *Viviane Brandão*
26 *Ila de Castro Lacerda*
30 *Priscila Pereira Boy*
32 *Aleluia Heringer*
34 *Guilherme Greco de Andrade*
36 *Anna Gilda Dianin*
38 *Paulo Volker*
41 *Márcia Amorim*
42 *Francisco Angel Morales Cano*
44 *Amália kátia Ferreira Mendes*
46 *Liara Sia Moreira Salles*
48 *Lúcio de Andrade Fonseca*
50 *Sônia Simões Colombo*
52 *Roberto Dornas*

Zuleica Reis Ávila
Presidente

Camila Moraes, Fernando Caramuru, Lucas Ávila, Patrícia Pierazoli, Renata Gazinelli, Sérgio Campolina, Thiers Theófilo e Zuleica Reis Ávila
Conselho Editorial

Fernando Caramuru Bastos Fraga
comunicacao.caramuru@sinep-mg.org.br
Editor

Lucas Reis Ávila (13.844 MG)
imprensa.lucas@sinep-mg.org.br
Jornalista Responsável e reportagens

Patrícia Pierazoli Guerra
comunicacao.patricia@sinep-mg.org.br
Projeto Gráfico e diagramação

Imagens: Fotos Lucas Ávila e bancos de imagens

Impressão: Gráfica Primus

Tiragem: 3.500 exemplares

Correspondência, publicidade e redação: (31) 3291-5844
Rua Araguari, 644 - Barro Preto,
Belo Horizonte/MG - CEP: 30190-114

Matérias assinadas não refletem necessariamente a opinião da revista.

Carta ao leitor

Caros educadores,

Nesta edição da nossa revista, lançamos as perguntas: Qual educação você deseja para o país? Uma educação que busque driblar o engessamento curricular, o enciclopedismo, que inclua e abrace a diversidade, que supere os entraves burocráticos, que ofereça um ensino livre, múltiplo, heterogêneo? Um ensino-aprendizagem que desenvolva a empatia, conhecimento crítico sobre o mundo, autonomia, desenvolvimento das competências socioemocionais? Qual tipo de gestão escolar você quer ver funcionando? Aquela que seja livre das altas cargas tributárias, que possa funcionar desembaraçadamente, com responsabilidade, que seja autônoma, com boa saúde financeira, com sustentação socioeconômica, com professores e funcionários qualificados, bem formados, que vistam a camisa da instituição?

Em ano de eleições e de tantas incertezas sobre o futuro próximo, o SINEP/MG resolveu, por meio de sua BIS REVISTA, lançar um desafio para alguns educadores e educadoras parceiras: qual é a educação que se imagina para o futuro? Quais são as urgências? O que precisamos, de fato, fazer para que a educação seja uma prioridade em nosso país? Dirigentes educacionais, autoridades, especialistas, promotores de opinião, alunos, professores e demais membros da comunidade escolar discorreram sobre o tema de forma livre, com visão geral ou específica, focando na educação que queremos para o futuro.

A BIS REVISTA agora tem mais páginas, mais conteúdo educacional, mais informações relevantes para educadores e gestores educacionais. Tudo isso faz parte do esforço do SINEP/MG em trazer, às escolas associadas, as informações pedagógicas e de gestão educacional mais qualificada, de construção e compartilhamento de ideias e experiências diversas. Para que isso aconteça de forma democrática, a participação de sua escola é fundamental. Entre em contato conosco, sugira temas para cursos, palestras, entrevistas, participe das assembleias, debates. O SINEP/MG é um espaço de vocês.

É dessa forma que acreditamos na educação plena: com diálogo, opiniões divergentes, aprendizado com tudo aquilo que pode ser mais contrastante e diferente. Representamos múltiplas, várias escolas e instituições, tão diferentes entre si e tão próximas em seu objetivo: a educação. Aproximemo-nos uns dos outros, com todas nossas diferenças e semelhanças, para que possamos melhorar o país e nós mesmos.

Boa leitura.

Zuleica Reis Ávila,
presidente

TÁ DIFÍCIL ORGANIZAR
AS SAÍDAS DE CAMPO?
#DESCOMPLICA
VEM COM A TURISMO ESTUDANTIL
ORGANIZAR AS ATIVIDADES DE CAMPO É UM DESAFIO E TANTO.
TODO DIA APARECE ALGO NOVO E NEM SEMPRE VOCÊ TEM TODAS AS RESPOSTAS.
É POR ISSO QUE A TURISMO ESTUDANTIL EXISTE. PARA AUXILIAR E ORGANIZAR
AS ATIVIDADES DE CAMPO PRA VOCÊ. ENTÃO, AGORA VOCÊ JÁ SABE.
PRECISOU? #DESCOMPLICA. VEM COM A TURISMO ESTUDANTIL.
www.turismoestudantil.com.br
Rua Dom João Antônio dos Santos, 150 Coração Eucarístico - BH
(31) 2531 2201
Turismo Estudantil

Entrevista

Laura

Miccoli

O futuro é bilíngue

Em abril, o SINEP/MG realizou mais uma edição do Conversando, evento educacional para escolas, que tratou sobre a implantação do bilinguismo nas escolas particulares de Minas. A professora da UFMG e especialista no assunto, Laura Miccoli, mostrou aos presentes o que são, de fato, escolas bilíngues, as especificidades do bilinguismo e o perfil dos professores para atuar nessa modalidade. Foram discutidas considerações pedagógicas, profissionais e legais anteriores à implantação de ensino bilíngue, bem como possibilidade de parcerias em oposição a iniciativas próprias na construção de um currículo bilíngue na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e Médio. Muitos presentes tiveram dúvidas sobre as especificidades e implementação do ensino bilíngue em suas instituições. Nesta edição da BIS REVISTA, elencamos as principais delas em uma entrevista com a professora.

O que é, de fato, uma escola bilíngue e o que a difere das escolas internacionais, que oferecem aulas de línguas, etc.?

A escola bilíngue prioriza a educação linguística em uma língua estrangeira, além da língua materna. Por ser uma escola brasileira, segue-se toda a legislação educacional nacional na confecção do currículo letivo. Para ser considerada bilíngue, deve dedicar 50% de sua carga horária didática à língua estrangeira, também conhecida como imersão parcial. Quem estuda numa escola bilíngue faz 50% das disciplinas em língua materna e as outras 50% são ministradas na língua estrangeira. Quem completa um ciclo de ensino numa escola bilíngue recebe certificados validados pelo MEC, mas que não serão automaticamente aceitos fora do país.

A escola internacional, diferentemente da bilíngue, segue a legislação educacional do país de origem na confecção de seu currículo e pode priorizar mais que uma língua estrangeira em sua grade curricular. Formar-se numa escola internacional significa ter 100% aulas ministradas na língua do país de origem, além de ter que cursar uma ou mais línguas estrangeiras como parte do programa de ensino. Os certificados de conclusão de cursos serão aceitos internacionalmente, oferecendo, no mínimo, acesso a universidades no país de origem da escola internacional.

O que uma escola deve levar em consideração para implementar o ensino bilíngue?

A escola deve evitar pensar a educação bilíngue como processo que envolve apenas o aumento da carga horária de uma língua estrangeira. Adotar a educação bilíngue implica conhecer o processo de aprendizagem de línguas estrangeiras, com seus desafios e as possíveis trajetórias de quem aprende. O processo de evolução por que passa quem ingressa na educação bilíngue passa por cinco etapas documentadas na literatura. A etapa de pré-produção pode demorar de 10 horas a seis meses em ambiente

de imersão. Nesse estágio, os alunos chegam a compreender cerca de 500 palavras, mas não conseguem se expressar. Os alunos podem repetir tudo o que escutam na sala. Respondem a perguntas sobre figuras e a perguntas que peçam sim/não e usam gestos. A etapa de produção Inicial pode durar seis meses. Nesse período desenvolvem um repertório de cerca de 1000 palavras para uso receptivo ou ativo. Nesse estágio, os alunos passam a responder perguntas simples e a usar locuções como sit down, put down. A emergência da fala pode durar um ano, período em que desenvolvem até 3000 palavras ativas, com frases que passam a ter três ou mais palavras, nas quais se pode identificar que os alunos seguem padrões, passando a entender a ideia central de histórias. Embora, ainda não tenham acuidade no uso da língua, começam a se autocorrigirem e podem começar a conversar nesse estágio. No estágio de fluência Intermediária, que pode durar um ano, os alunos desenvolvem cerca de 6000 palavras de vocabulário ativo e são capazes de articular frases com estruturas mais complexas na fala e na escrita. Nesse estágio, não demonstram dificuldade para aprender matemática e ciências na língua estrangeira, bem como passam a dar opiniões e a dizer o que pensam. Começam também a fazer perguntas ao professor. Temas culturais e literatura podem entrar como conteúdos letivos. Finalmente, no estágio de fluência avançada, o aluno entra em processo de desenvolvimento contínuo da aprendizagem de língua. Este estágio pode levar de quatro a dez anos.

A transição para o ensino bilíngue deve ser modulada por uma concepção de ensino de língua que extrapole o conhecimento da língua como código, que não deve ser abandonado, mas deve-se priorizar e incentivar o uso da língua estrangeira para além da sala de aula, sem restrições ao eventual uso da língua materna. Implica, ainda, a construção de um currículo articulado em que as línguas materna e estrangeira se complementem. A seleção de professores, fluentes e conhecedores não apenas dos processos que serão vivenciados pelos alunos, mas também dos conteúdos das disciplinas que ministrarão é essencial, pois o professor não lecionará a língua estrangeira apenas, mas uma disciplina X por meio da língua Y, sendo que o foco na forma será mediado pela interação e necessidade de comunicação adequada. A integração e colaboração entre as equipes de professores das disciplinas de língua materna e de língua estrangeira deve ser uma prioridade para evitar rupturas no ensino curricular.

A educação bilíngue é uma tendência mundial? Quais são seus benefícios para as crianças?

Sim. Em um mundo cada vez mais globalizado e conectado, a educação bilíngue ou trilíngue é uma tendência em todo mundo. Entre os benefícios documentados na literatura estão a melhoria: (1) do raciocínio e o foco, (2) da conectividade cerebral, retardando o início de Alzheimer em até 5 anos, (3) da socialização, bem como o aumento (4) da cognição e do conhecimento, (5) da facilidade para a resolução de problemas, (6) do enriquecimento das perspectivas na compreensão do mundo, além (7) da flexibilidade para a aceitação de diferenças.

Qual a melhor forma, os melhores caminhos para esta relação, o que a escola deve levar em consideração na hora da implantação?

Sugiro que a escola que quiser se tornar bilíngue contrate um profissional qualificado para orientar a instituição na confecção do currículo bilíngue, na seleção de professores e na adaptação da estrutura física às demandas de um currículo bilíngue. A elaboração de material próprio pelos professores contratados seria a melhor maneira de construir um currículo que atenda às necessidades específicas da instituição, seus professores e estudantes. No entanto, se isso não for possível, o mesmo profissional qualificado poderá comparar diferentes ofertas disponíveis no mercado de empresas que oferecem consultoria para assessorar instituições nesse processo de transição, evitando aquelas que fazem segredo daquilo que oferecem, bem como aquelas que associam bilinguismo apenas ao aumento da carga horária de língua.

A BNCC aprovada para a Educação Infantil e Fundamental dialoga com o bilinguismo?

Na legislação educacional nacional vigente, a LDBEN de 1996, as únicas referências a escolas bilíngues se encontram nos artigos 78 e 79, que se referem à educação bilíngue em comunidades indígenas.
A BNCC também é omissa quanto ao ensino bilíngue, mas para o ensino básico apresenta a disciplina de inglês como obrigatória, justificando tal disposição por seu status de língua franca, pois "o estudo da língua inglesa possibilita aos alunos ampliar horizontes de comunicação e de intercâmbio cultural, científico e acadêmico e, nesse sentido, abre novos percursos de acesso, construção de conhecimentos e participação social" (p.199), apontando para a necessidade de uma abordagem de ensino que privilegie a interculturalidade. Isto é, não apenas o ensino de inglês britânico ou americano, mas o inglês falado por brasileiros, espanhóis, japoneses, indianos, italianos, alemães, australianos, etc.

Quais são as especificidades do bilinguismo para a Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio?

Segundo Möller (2017), "o MEC exige que as escolas bilíngues trabalhem no mínimo 50% de cada idioma (L1 e L2)". Segundo essa autora, a OEBI - Organização das Escolas Bilíngues do Estado de São Paulo define que "para ser caracterizada como bilíngue precisa ter, na educação infantil, 75% da carga horária na língua estrangeira, no EF 35% e no EM, no mínimo 25%" (p. 120).
Na educação infantil, as escolas bilíngues de educação infantil utilizam o inglês na maior parte do dia, senão em sua totalidade. Muitas incluem momentos de cultura brasileira a partir dos três anos de idade, com duração variando entre vinte e quarenta minutos. Nesses momentos, os alunos não são obrigados a falar inglês com a professora, que utiliza músicas, livros, parlendas e apresenta o conteúdo didático aos alunos, iniciando seu letramento. O calendário inclui comemorações que acontecem tanto no Brasil quanto no exterior: Chinese New Year, Carnaval, Earth Day, Valentine's Day, St. Patrick's Day, Easter, Mother's Day, Festa Junina, Father's Day, Thanksgiving, etc. A maior parte das comemorações envolve o uso do inglês, com a confecção de material específico para contextualizar o segundo idioma, por serem os materiais que ambientarão as crianças, permitindo o acesso às culturas estrangeiras valorizando a importância do intercultural, uma vez que elas vivem no Brasil. As datas comemorativas são cheias de significado cultural e trazem às crianças maior entendimento e familiaridade com a língua estrangeira.
No ensino fundamental as crianças deixam o ensino de enfoque essencialmente lúdico cultural da língua estrangeira e passam a desenvolver todas as competências de comunicação nos dois idiomas, incluindo compreensão, fala, leitura, escrita, visualização e representação. Uma parte das disciplinas é ministrada em inglês e outras em português - normalmente matemática, ciências, educação física e língua inglesa são integralmente lecionadas em inglês, enquanto língua portuguesa, geografia e história são ministradas em português.
No ensino médio, o segundo idioma continua inserido na matriz curricular, com muitas das disciplinas exigidas pelo MEC ministradas em inglês. Amplia-se a imersão na língua estrangeira, e pode haver disciplinas como International Literature, World History, Arts, Career Preparation intercaladas com as disciplinas do currículo nacional ao longo do período integral. Neste nível, é comum que as escolas ofereçam a seus alunos a possibilidade de se submeterem a provas de proficiência como o TOEFL - Test of English as a Foreign Language; TOEIC - Test of English for International Communication; CAMBRIDGE – First Certificate in English (FCE), Certificate in Advanced English (CAE) e Certificate of Proficiency in English (CPE).

Referências:

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf

MÖLLER, Alice Nunes; ZURAWSKI, Maria Paula. Reflexão crítica sobre as escolas bilíngues (português/inglês) de imersão e internacionais na cidade de São Paulo. Revista Veras, v. 7, n. 1, p. 109-130, janeiro/junho, 2017.
Disponível em: http://site.veracruz.edu.br/instituto/revistaveras/index.php/revistaveras/article/view/297

Olhares

Andrea

Ramal

Os três desafios da Educação Brasileira

A educação brasileira precisa passar por uma grande reforma. O cenário é desolador e, para mudar, há três fatores decisivos: implantação do Plano Nacional de Educação, revitalização da figura do professor e retomada do investimento em ciência e tecnologia.

O Plano Nacional de Educação é de 2014 e prevê o investimento de 10% do PIB na área até 2024. Ele enumera as vinte metas decisivas para conquistar uma educação de qualidade nos diversos níveis de ensino. Deveria ser implementado no espaço de alguns anos; no entanto, na prática, o PNE está esquecido. Nenhuma das metas foi cumprida e não existe sequer um plano de ação com previsão de recursos, cronograma ou responsabilidades. Também não há articulação entre municípios e Estados para que as iniciativas sejam integradas e as reformas não se tornem uma "colcha de retalhos".

O segundo fator é um item que, embora esteja contemplado de certo modo no PNE, merece um olhar específico e mais abrangente. É a revitalização da figura do professor. Remuneração? Sim, mas é preciso muito mais do que isso. Há no país uma desvalorização moral da figura do professor, manifestada pelo próprio descaso e desprezo de estudantes e suas famílias. A essa questão se somam outros problemas como a falta de infraestrutura das escolas, divisão da carga horária entre inúmeras instituições e dezenas de turmas, deficiências na formação inicial e falta de recursos para aperfeiçoamento profissional. O resultado são professores frustrados e decepcionados, que buscam outras carreiras. E o que mais preocupa: cada vez é menor o número de jovens que querem atuar no magistério.

Por fim, não podemos esquecer do investimento na área acadêmica, em pesquisa e inovação. O Brasil vem sofrendo com cortes drásticos em ciência e tecnologia, penando com a evasão de talentos e a deterioração das universidades públicas – e, com elas, seus projetos de pesquisa, o que estanca a evolução das ideias e da ciência.

O país é cada vez mais associado a commodities e menos à tecnologia. Se seguirmos por esse caminho, o Brasil se converterá em um grande celeiro, que vive só dos frutos de uma economia primária e depende dos demais para o resto.

Não temos indústrias, não temos desenvolvimento de tecnologias em áreas decisivas. Esse cenário, associado à falta de ensino básico de qualidade, deixa os brasileiros sem perspectivas, num mundo altamente competitivo e em contínua evolução.

Em educação não há passe de mágica. Os benefícios obtidos a partir de investimentos, incentivos e implantação de políticas efetivas demoram a aparecer. Como todos sabem, mesmo se começássemos a mudar agora, seriam necessárias décadas para alcançar o tão esperado salto de qualidade, que vai influenciar no nível de desenvolvimento do país. Algo que as sociedades de nações asiáticas, como Coréia, China e Singapura, já entenderam há tempo.

Andrea Ramal
Doutora em Educação

Luciano

Melo

O Brasil que eu quero na Educação

Propor uma reflexão sobre a educação brasileira que desejamos é, indubitavelmente, tão complexo como urgente e necessário.
Primeiramente, deve-se destacar que a educação precisa ser reconhecida como um bem maior por todos os brasileiros, sem o qual não será possível o crescimento do país, perceptível, essencialmente, por um número maior de jovens, independente da classe social, inseridos nas Universidades e no mercado de trabalho.
Este é um momento de transição na Educação brasileira. A Base Nacional Curricular Comum propõe uma Educação voltada para a vida em construção, a igualdade entre todos e a formação plena de um cidadão atuante na sociedade e íntegro em seu caráter.

O que se espera da Educação não é apenas uma transmissão de conhecimentos e conteúdos diversos, tratados, muitas vezes, de maneira superficial e infértil.

Espera-se, antes de tudo, valorização do que se aprende como essência de vida, responsabilidade e compromisso com o que se ensina, estímulo ao docente e reconhecimento de seu intrínseco valor para a sociedade e, principalmente, para o estudante.
É preciso salientar, ainda, a importância de uma infraestrutura escolar bem montada, que favoreça e incentive a criatividade no ato de ensinar e estimule a produção do conhecimento.
Esse projeto de educação, no entanto, depende, obrigatoriamente de que se imprima, na atualidade, uma tônica política ao trabalho que é realizado.
Nosso país vive acentuada e destacável efervescência política, da qual nossos estudantes não podem ser alienados.

Trata-se de uma oportunidade ímpar para promoção da consciência política e do favorecimento do engajamento social.
A educação "do futuro" deverá ser marcada, também, por uma relação de humildade, respeito e harmonia entre os profissionais do ensino, sem a qual não será possível a efetivação de um trabalho, de fato, de equipe.
Para tanto, urge a adoção de um projeto de gestão que promova a autonomia desses mesmos profissionais, a quem se delegue responsabilidade, poder de decisão e se permita participação na administração da instituição escolar.
Sim, é possível, um novo sistema educacional para nosso país, desde que estejamos dispostos a, juntos, em equipe, rever velhas práticas e adotar novos conceitos.

Luciano Melo
Psicólogo e palestrante

Olhares

Maria Ângela Barbato Carneiro

Avanços e retrocessos do ensino no Brasil

Um giro pela história da educação brasileira nos mostra que sua estruturação data das primeiras décadas do século passado. Até então, não havia uniformidade para o processo de escolarização e cada instituição de ensino se organizava ao sabor dos seus interesses.
Entre os anos 60/ 70 a educação brasileira, no estado de São Paulo teve experiências interessantes, especialmente ao que tange ao atual ensino fundamental e público, que se constituíram modelos exitosos, e, melhor do que isso, paradigmas que jamais conseguiram ser imitados e superados. Tais experiências poderiam ser revisitadas de modo a servir de base para outras propostas.
Os famosos Ginásios Vocacionais, como foram denominados à época, poderiam ser o ponto de partida para grandes avanços na área educacional. Nessas instituições o professor era da rede pública, mas o contrato era de tempo integral e se fazia mediante um processo seletivo, através da apresentação de projetos e, por essa razão, os conteúdos eram inter-relacionados.
Os profissionais eram bem formados, valorizados e remunerados adequadamente.
Os alunos ficavam na escola oito horas por dia, motivados pelo ensino que recebiam, pois ao lado das disciplinas teóricas havia a formação profissional prática que iniciava para técnicas comerciais, industriais e agrícolas.
Os laboratórios funcionavam, pois para eles se dispunham equipamentos e materiais necessários, sem a preocupação com a sua utilização. A formação era voltada para as necessidades da época, sem conhecimentos desnecessários.

Os conteúdos evoluíam de um universo próximo aos alunos para uma realidade mundial, fazendo que conhecessem a casa, o bairro, o estado, a nação e o mundo.

Não havia pretensões de aprovação no ENEM, nem com as avaliações do, mas um compromisso com a realidade.
Como, no entanto, nada é perfeito, havia dois grandes problemas que poderiam ser facilmente solucionados. O primeiro, relacionava-se ao processo seletivo para ingresso naquelas instituições, o que certamente favorecia as crianças da elite. O segundo, referia-se ao processo de reflexão e de conscientização pelos quais passavam tais alunos e que a ditadura militar jamais perdoou, tornando tais escolas, objeto de invasão, perseguição e, finalmente, de destruição.
A volta ao passado não nos faz melhorar as coisas, até porque temos uma realidade bastante árdua a enfrentar. Um passo foi dado, a democratização do ensino, mas faltou a vontade política para que a qualidade fosse mantida, pois a consciência oferecida pelo processo educacional evitaria os horrores de um país sem esperança e daria às novas gerações a verdadeira consciência de cidadania e do que é alfabetização.
Contudo, como não somos impedidos de sonhar, quem sabe poderemos nos inspirar nesses e em outros modelos, tais Escola Plural, Escola Cidadã, Escola de Curvelo, experiência dos Pés Descalços, dos ciclos com propostas interessantes, para superar os graves desafios da educação no nosso país.

Profª. Drª. Maria Ângela Barbato Carneiro
Professora Titular da Faculdade de Educação da PUC de São Paulo

L CHRIS
CONTABILIDADE

www.lchris.com.br
sac@lchris.com.br

Atendimento personalizado

Competência tecnológica

Reconhecimento

Agilidade

Tradição

Eficiência

Eficácia

NOSSOS SERVIÇOS

* Contabilidade especializada em escolas particulares
* Contabilidade de entidades religiosas e filantrópicas
* Planilha de custo escolar para fixar índice de aumento do valor da mensalidade
* Encaminhamento e orientações para certificação junto ao MEC e MDS
* Plano de contas personalizado
*Demonstrações contábeis do Terceiro Setor
* Folha de pagamento

31 3222-0980
Av. Augusto de Lima, 1376,conj. 801/802/811
Barro Preto - Belo Horizonte/MG

Marinice Souza Simon

A educação que queremos para o Brasil

No longo trajeto que percorro dentro da educação, pude acompanhar muitas mudanças e também muita estagnação no que se refere a metodologias, procedimentos e modos de organizar o processo ensino aprendizagem no âmbito da escola.

Ao trazer o olhar para o hoje, observa-se a educação escolar em um constante paradoxo: de um lado, uma suscetibilidade às modas pedagógico-metodológicas e, de outro, uma estagnação física na arquitetura e mobiliário. São dois ângulos que caracterizam a escola e contrapõem teoria e prática.

Estamos diante de mudanças vertiginosas, que nos tiram antigas certezas. Por um ângulo, sabemos que é necessário formar um indivíduo que se adapte e saiba acompanhar as novidades; por outro, também sabemos da urgência em formar um ser enraizado em uma história, que resista às mudanças impostas, apoiando-se em valores fortes que lhe terão sido transmitidos.

Numa sociedade marcadamente egocêntrica, perpassada pela fragilidade nos vínculos e pelo esfacelamento de modelos tradicionais, é imperativo que se busquem novas orientações na criação de ambientes familiares saudáveis, que incentivem o papel educador dos responsáveis por crianças e jovens em formação.

Quanto ao futuro da escola, em nosso país, várias são as imagens construídas a respeito. Mas vejo que o tom exato da caracterização de uma educação vinculada ao seu tempo passa pelo investimento significativo na formação docente.

Investir nesse sujeito, que se dispõe a ensinar, e, por vezes, educar, surge como alavanca para construção de outros tempos na escola brasileira.

Tempos que favoreçam a educação de crianças e jovens conectados com a realidade e orientados para melhores escolhas, escolhas baseadas no olhar solidário e em movimentos cooperativos, como uma tendência essencial para a sobrevivência humana.

Percebe-se a importância da construção do conhecimento em rede, tecida por diferentes saberes, em espaços habitados pela diversidade, num país continente como o nosso, que legitima a urgência de uma escola para todos, na qual os sujeitos comparecem com suas diferenças, desprovidos de preconceitos e carregados bons sentimentos em relação a si, ao outro e ao mundo.

Assim partimos em direção ao futuro, logo ali, que nos convida a olhar o presente como um prolongamento das ideias do passado, acreditando que somos tecidos com os fios da história que nos precedeu e que os mesmos nos exigem movimentos dinâmicos, à luz dos tempos atuais, para a construção de práticas enriquecedoras.

Profª. Drª. Marinice Souza Simon
Doutora em Educação

Renata

Gazzinelli

Sobram pedagogos, faltam gestores

Defendo que a cada ano que passa a escola precisa se reinventar para ser notável, influenciar e fidelizar as famílias. E a cada ano percebo também que para isso acontecer, o papel da liderança deve ser extraordinário, porém não é o que vem apontando minhas experiências com gestores escolares; os gestores e as lideranças das escolas não vêm se fortalecendo, como deveria ocorrer. E onde não existe gestão e liderança, o ritmo de trabalho é frouxo, líquido, solto demais, e não há a mobilização e construção de processos adequados para se alcançar os objetivos de aprendizagem satisfatórios.

Além disso, uma estrutura de gestão debilitada contribui para a formação de pessoas indiferentes em relação à sociedade e a tudo que nela se passa.

Isso ocorre pela absoluta falta de modelos identificatórios ancorados em gestões espetaculares. A escola deveria oferecer esses modelos, pois é a primeira organização formal, depois da família, que as crianças têm acesso.

A escola deveria, a meu ver, se debruçar para se tornar, ela própria, uma comunidade social de aprendizagem também no quesito liderança & gestão, tendo em vista que a natureza do trabalho educacional e os novos paradigmas organizacionais exigirão, cada vez mais, essa habilidade. Para que isso ocorra, na prática, é essencial o convite, o engajamento, a participação e a atuação cotidiana de vários atores escolares, que possuem o perfil de líder, mediante a prática da colideranças (liderança exercida em conjunto e com responsabilidade sobre os resultados da escola) e da gestão compartilhada.

O segredo é nunca estar satisfeito com as conquistas e vitórias alcançadas, buscando sempre novos colaboradores que queiram romper os modelos mentais existentes (maneira pela qual os seres humanos organizam e dão sentido às suas experiências), criar um mindset expandido para que possam fazer a diferença. A satisfação tende a levar o gestor à procrastinação e à acomodação, o que é um risco para se perceber novas perspectivas e alcançar metas mais ousadas, mas possíveis.

É muito comum ouvir diretores dizendo, em cursos e palestras, "isso eu já faço" ou "isso a minha escola já tem". Fica evidente que a satisfação gerou um status quo com a situação posta, que vai ser difícil se mobilizar para qualquer mudança. Resultados e competências podem (e devem) sempre melhorar.

Atuar como mentor do desenvolvimento de novas lideranças e gestores escolares é uma das habilidades mais extraordinárias, abrangentes e essenciais para quem deseja alcançar a performance.

Não apenas contribuir para o desenvolvimento das competências para o nascedouro de excelentes pedagogos, mas, muito além disso, contribuir para desenvolver novos líderes e gestores educacionais. Com pedagogos as escolas estão em abundância, mas com gestores e líderes, as escolas estão em escassez.

Renata Gazzinelli

MBA em gestão de escolas, pós-graduada em educação ambiental e sustentabilidade, especialista em educação centrada em valores humanos, pedagoga, diretora de eventos do SINEP/MG, gerente geral de relacionamento e mercado do Bernoulli Sistema de Ensino.

renata.gazzinelli@bernoulli.com.br

Ademar Batista Pereira

O Japão e a Educação

Em recente visita ao Japão, durante um evento educacional, mais de 60 mantenedores de escolas privadas brasileiras puderam conhecer um pouco sobre o sistema educacional daquele país, observando, ainda sua cultura, tecnologia, desenvolvimento social, entre outros aspectos. Chamou-nos a atenção ao ver que naquele lugar vivem em paz milhões de pessoas em grandes metrópoles, com nível social tão elevado e um desenvolvimento de tecnologia que é copiado e admirado no mundo todo. Então nos perguntamos, quais são os segredos do Japão?

Em primeiro lugar, o que ficou evidente foi a Educação do povo japonês, no seu sentido mais amplo, como formação de um povo, seus valores, o respeito que possuem às suas regras e leis. Princípios aplicados desde a formação das crianças e adolescentes, visando a uma vida social saudável e coletiva.

Antes desta viagem, eu já dizia que seria como estar em outra galáxia, pois poucas coisas poderão ser copiadas e coladas para a nossa realidade. Verdade! Entre todas as diferenças e percepções que uma visita rápida em um país milenar e tão intenso, podemos destacar as diferenças conceituais.

Para o japonês, duas palavras ou conceitos são extremamente importantes: (kyoiku), para Educação e valores que vêm de família; e outro (shitsuke), para Ensino.

Como em nosso idioma, também temos duas palavras, Educação e Ensino, que possuem dois conceitos completamente diferentes, ou no máximo complementares. Porém a sociedade brasileira ignora a importância destes dois conceitos e da diferença entre eles. Se mantém na confortável posição de achar que Educação é papel exclusivo da escola, e que portanto, é dela a culpa ou tarefa de educar os jovens e adultos. A escola acaba sendo cobrada por todos os problemas e mazelas da nossa sociedade, desde a violência, até a falta de respeito ao próximo, à sociedade e à natureza. Quando perguntamos às pessoas o que pensam sobre como está a Educação no nosso país, a maioria afirma que está ruim, e complementam dizendo que a escola é muito fraca.

Ainda sobre os conceitos de Educação e Ensino, remontando ao respectivo significado destas palavras em português, podemos afirmar que: Educação é todo o processo humano de vivência e experiências, que forjam seu caráter, suas crenças, seus valores e verdades. Ou seja, é tudo o que sustenta e alimenta uma sociedade, em que os jovens são educados pelos exemplos, vivências, desde o nascimento até a morte.

Já o conceito de Ensino é um processo humano moderno, composto de técnicas, que visam ensinar ou desenvolver certas habilidades cognitivas, especialmente aquelas não naturais, como decodificar os códigos da língua ou da matemática. Ou seja, chamamos de Ensino o que está no universo das letras e dos números, é aprender matemática, técnicas e métodos, etc. É diferente das habilidades naturais como andar e falar, por exemplo, as quais somos capazes de aprender sozinhos, é da nossa natureza.

Apenas para exemplificar, cito o caso de meus avós, que eram semianalfabetos, mas absolutamente educados. Criaram 10 filhos, também semi-analfabetos e também educados. Nesse sentido, surge mais uma pergunta, o que é mais importante, Educação ou Ensino? As duas são complementares e fundamentais em uma sociedade, mas sem dúvida, Educação vem primeiro, pois é possível ser educado sem ter Ensino. Porém temos muitas pessoas com Ensino, cursos superiores, mestrado, mas sem Educação. A operação Lava Jato, da Polícia Federal, que o diga!
Então, o que vivemos atualmente é uma profunda crise de Educação, que leva nossas crianças e jovens a perderem as melhores e maiores oportunidades, pois não é possível ensinar uma pessoa que não quer, não entende e não valoriza aspectos sérios e importantes da vida, não prima pelo mérito e a competência. E para Educar uma criança ou jovem, precisamos de pouco ou quase nada, basta querer, se dispor a fazer, e dar o exemplo.

Nesta visita ao Japão, pude observar que aquele país se destaca no mundo em desenvolvimento de tecnologia, mas não usa tecnologia em suas escolas. Talvez porque estejam ensinando seus jovens a desenvolver a tecnologia.

E nós ensinamos nossos jovens a usar, ou seja estamos desenvolvendo usuários.

Foram muitas as reflexões sobre a escola e o que ela pode contribuir para a sociedade brasileira, pois como sociedade estamos na contra mão da história. Temos criado nossas crianças e jovens com dois estigmas extremamente negativos, o vitimismo e a cultura da impunidade e inconsequência. O famoso "isso não dá nada"! Não permitimos que nossos filhos sofram, chorem, sejam contrariados, e estamos sempre buscando culpados para qualquer contrariedade que eles possam sofrer. Por outro lado, se nossos filhos aprontam alguma coisa, lutamos e defendemos para que não sejam punidos, não queremos "traumatizá-los". Esse comportamento social leva a uma sociedade sem resiliência e resistência. Na vida adulta, esses jovens terão muitas dificuldades no mercado de trabalho. Isso muitas empresas já percebem com a entrada de jovens profissionais.
Colocamos a escola no divã, escrevemos um livro com esse título, e explicamos um pouco como a escola brasileira pode ajudar. O Japão é uma bela experiência, mas complexa e pouco aplicável no Brasil, pois ainda estamos muito distantes de entender e definir em nossa sociedade os reais conceitos de Educação e Ensino.

Ademar Batista Pereira
Presidente da Federação Nacional das Escolas Particulares - FENEP.

Olhares

Eldo Pena

Couto

Uma nova escola

Até recentemente, a educação de crianças e jovens processava-se em dois espaços distintos. Em casa, a família responsabilizava-se pela formação de hábitos e valores. Na escola, os professores cuidavam do desenvolvimento acadêmico, focado no repasse de conhecimentos e na valorização da memória.

Com a rápida transformação do mundo nas últimas décadas, o tempo disponível para o convívio familiar diminuiu sensivelmente, com pais e filhos convivendo cada vez menos.

Com isso, a formação de hábitos e valores foi-se deslocando cada vez mais para as escolas, exigindo que os professores assumissem progressivamente a função de educadores.
Com isso, um número significativo de estabelecimentos escolares passou a preocupar-se em oferecer aos seus estudantes uma educação integral, já preconizada pelo educador suíço Rudolf Steiner na virada do século XX. Assim, surgiu a demanda por professores que, além de ensinar, assumissem também a função de motivar os alunos a formar hábitos de estudo e de comportamento, além de procurar pautar sua conduta por princípios e valores que deveriam acompanhá-los pela vida afora.
Embora ainda haja instituições escolares ostensivamente pragmáticas, que centram seu trabalho buscando unicamente o sucesso acadêmico dos alunos, não há como negar que a escola deste novo mundo precisa ser também uma nova escola. Isso significa que seus profissionais devem dedicar-se tanto a ensinar conteúdos, quanto a trabalhar para que seus alunos se desenvolvam como cidadãos responsáveis e atuantes.

Nesse cenário é que se evidenciam as competências e habilidades socioemocionais, agora tão destacadas no planejamento das boas escolas. E como competência consiste no somatório de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores, para que uma pessoa se mostre competente, é necessário que detenha conhecimento e execute ações evidenciando reger-se por princípios e valores que atuem como seus motivadores.
Considerando essa perspectiva, a instituição de ensino que assume o papel de educar deve identificar quais são as principais competências e habilidades de que seus alunos necessitam a fim de promover suas relações interpessoais e seu autoconhecimento no presente e no futuro imediato, fora da escola.
Cabe à empresa escolar sistematizar seu trabalho com essas competências e estruturar uma opinião para que os envolvidos no processo educativo estejam

cientes do nível real em que os educandos se situam, podendo assim suprir carências e compartilhar excedentes.
Assim, a escola, na verdade, hoje, atingiu um nível em que deve ultrapassar o recente avanço que a colocava também como orientadora de princípios éticos e morais, passando a assumir a função de formadora de habilidades e competências. Isso representa um avanço significativo na educação, pois implica um equilíbrio entre o ensino acadêmico e as habilidades sociemocionais.
Desse modo, nesse novo cenário, não basta que o aluno seja um campeão de conhecimento: é preciso que se prepare, no dia a dia, para usar o raciocínio de modo competente, que demonstre dominar habilidades pré-definidas e que evidencie estar consciente da sua importância como cidadão atuante e capaz de transformar positivamente a sociedade brasileira.
Na nova escola, não haverá lugar para a escolha maniqueísta entre o ensino de qualidade e a formação, mas para uma síntese que inclua ambos e que seja capaz de proporcionar às crianças e jovens uma formação completa.

Eldo Pena Couto
Mestre em Administração e diretor do Colégio Magnum Cidade Nova

José Donizetti dos Santos

Educação Desejada e Possível

Estamos vivendo um momento único na educação. Por um lado, temos cada vez mais ferramentas e recursos tecnológicos para nos auxiliar dentro e fora das salas de aula. Por outro, há uma dificuldade crescente em manter a atenção e o foco dos estudantes, além dos desafios de convívio familiar em um mundo conectado e desconectado simultaneamente. Nesse cenário, qual é o nosso papel enquanto educadores? Quais atitudes nossas podem realmente transformar essa realidade, sem depender da boa vontade dos governantes e de outras pessoas?

Não somos mais tão importantes como detentores do conhecimento, pois a informação está disponível em todo lugar.

No entanto, a nossa verdadeira importância está na formação integral dos nossos estudantes, guiando-os pelos caminhos do conhecimento e fornecendo a eles pilares morais e éticos para se apoiarem na jornada acadêmica e na vida de modo geral. Então, como podemos fazer isso no dia a dia, todos os dias? A resposta é através de uma Educação pautada pelo Cuidado: de si, do outro, do mundo e da vida.

Cuidar de si mesmo significa conhecer o próprio potencial e buscar desenvolvê-lo ao máximo, superando as próprias limitações e alcançando patamares inéditos de realização pessoal. Assim, poderemos ensinar aos nossos estudantes valores como caráter, disciplina, honestidade e humildade. As práticas mindfulness são uma forma de ajudá-los a controlar seus impulsos e a canalizar a sua atenção, para obter um maior controle pessoal e uma capacidade de conquistar seus objetivos através da persistência.

Cuidar do outro significa aceitá-lo como é, na plenitude de sua dignidade e das suas diferenças. Só assim poderemos diminuir os conflitos e tratar todos como pessoas únicas que merecem todo o nosso respeito, tolerância, sensibilidade e empatia. Para isso, os estudantes precisam se envolver em projetos que os incentivem a fazer o bem aos que necessitam, na forma de doações ou até mesmo visitando asilos e locais carentes.

A terceira dimensão do cuidado é com o mundo. Não é possível ignorar todos os danos ambientais e humanitários causados pelas guerras e pela exploração desmedida dos recursos naturais. Podemos ensinar nossos estudantes a cuidar do mundo desde atitudes simples como jogar o lixo no local adequado até incentivando-os a criar soluções para problemas como a poluição e a grande quantidade de refugiados de guerra.

Por último, e de forma mais abrangente, é preciso o cuidado com a vida enquanto dom e presente. É com ela que vem

nossa capacidade de imaginação, de criatividade, de sonhar e criar algo completamente novo, e principalmente de honrar todos aqueles que vieram antes de nós e muitas vezes tiveram que sacrificar muito para que estivéssemos aqui hoje. Através das quatro dimensões da Educação do Cuidado poderemos aproveitar todas as ferramentas que existem hoje a nosso favor e a favor dos nossos estudantes. Somente com esse olhar integral será possível transformar a educação e encontrar as respostas tão necessárias aos desafios da missão de educar.

José Donizetti dos Santos
Diretor do Colégio Maria Clara Machado, Filósofo e Educador há 40 anos. Instrutor de Mindfulness pelo MTI, orientado diretamente pelo Lama Neozelandêz Jangchub Reid. Master Practitionner em PNL. Formação em Hipnose Ericksoniana e Educação Sistêmica.

Luciano
Sathler

Competências para a Economia Digital

O Brasil tem pressa para superar o atraso na educação e se tornar protagonista na revolução trazida pela economia digital. A longa história da escravidão somada às características que marcaram a colonização portuguesa em todo o mundo fizeram com que a abertura de escolas e universidades fosse um fenômeno tardio no país, mesmo se comparado com outras nações também colonizadas da América Latina.

Há muitos adolescentes e jovens fora da escola. De acordo com o IBGE1, entre as pessoas de 18 a 24 anos, a taxa de escolarização foi de 31,7% em 2018. Cerca de 25,1 milhões de pessoas de 15 a 29 anos de idade, que não alcançaram o ensino superior completo, não estavam estudando ou se qualificando em 2017. Para agravar a situação, muitos completam seus estudos com um domínio insuficiente da língua portuguesa, da matemática e sofrem como analfabetos funcionais.

As tecnologias digitais criam oportunidades inéditas para o desenvolvimento de competências e habilidades. Inclusive nas áreas em que atualmente convivemos com déficits de formação.

Aproveitar esse momento único requer um processo de aprendizado institucional e articulação interinstitucional, que as pessoas tenham espaço suficiente para experimentar metodologias e técnicas, com a avaliação sistemática dos resultados, o que levará a selecionar as práticas mais eficazes. Barreiras ao acesso a essas novas tecnologias devem ser superados, bem como incentivadas a inovação educacional e a educação para a inovação, dois aspectos espelhados e fundamentais para mudar a situação socioeconômica.

As mudanças tecnológicas podem afetar países, regiões, cidades e organizações de formas diferentes. Também ampliam o risco de deixar pessoas hoje marginalizadas do processo produtivo ainda mais empobrecidas e fragilizadas. Por exemplo, os serviços de tecnologias de informação e comunicação - TIC oferecem emprego relativamente bem remunerado para as mulheres, mas a parcela de mulheres em ocupações especializadas em TIC continua muito baixa, especialmente em países como Brasil. As mulheres também são menos representadas em setores nos quais a automação deve deslocar ocupações, como manufatura,

finanças e construção. Além disso, há poucas mulheres nas famílias de empregos de ciência, tecnologia, engenharia e matemática (STEM) e, portanto, podem não ser capazes de aproveitar a maior demanda por trabalhadores com competências e habilidades nessas áreas. A rápida mudança tecnológica oferece oportunidades potencialmente transformadoras para os países, mas também cria preocupações significativas que os formuladores de políticas públicas e sociedade civil precisam abordar para assegurar que as tecnologias sejam aproveitadas para um desenvolvimento sustentável e inclusivo, pelo bem comum.

Os avanços no desenvolvimento oferecidos por tecnologias novas e emergentes não são automáticos. Os novos empregos e a própria formação aumentam a demanda por habilidades e competências digitais, a serem atendidas pela Educação Digital. Isso sublinha a importância de abordar as lacunas existentes em termos de capacidades entre os países, regiões, setores e segmentos da sociedade, para que todos podem se adaptar e se beneficiar de mudanças tecnológicas.

Luciano Sathler

Reitor do Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix e Diretor da Associação Brasileira da Educação a Distância.

Viviane
Brandão

Ressignificando a sala de aula

O que faz um aluno ter um desempenho satisfatório nas avaliações como resultado da sua aprendizagem? Quais são as estratégias elencados pelos professores para ter alunos bem-sucedidos? Como a escola pode transformar esse ambiente em um lugar de estímulo para a aprendizagem?
Para que ocorra o processo de reformulação das estratégias pedagógicas que levem a aprendizagem significativa, é preciso conhecer os mecanismos de funcionamento da construção do conhecimento.
Sob a luz da Neurociência voltada para os processos da aprendizagem, buscam-se estratégias que estimulem o cérebro de várias formas, possibilitando o desenvolvimento efetivo das habilidades cognitivas, levando o aprendente a ter melhor aproveitamento dos conteúdos trabalhados.
Mas, afinal, o que é aprendizagem? Para a ciência, aprendizagem é o processo pelo qual o cérebro reage aos estímulos do ambiente e ativa as sinapses (ligação entre os neurônios por onde passam os estímulos), tornando-as mais intensas.

A Neurociência mostra que o indivíduo se desenvolve diante da interação dele com o meio e que quem trabalha com as práticas para o desenvolvimento da criança é a Pedagogia. Diante disso, como o professor pode contribuir com práticas pedagógicas que melhorem o desempenho do aluno em sala de aula?

APRENDER PARA A VIDA

Traçar estratégias que aproxime o aluno do conteúdo para que ele perceba aplicação deste no cotidiano será fundamental para sua aprendizagem significativa.
Para Cosenza e Guerra (2011, p. 11), o aprendiz tem a garantia do seu aprendizado, a partir do momento que ocorre uma adaptação do conteúdo para o mundo em que vive; fazer com que a aula tenha significado para o aluno.

DESENVOLVIMENTO DA VIA SENSORIAL

Informações sensoriais são reconhecidas em áreas diferentes do cérebro. Diante disto, é importante que o professor desenvolva diversas estratégias para que o cérebro possa ser estimulado nos diversos campos sensoriais.
Ressaltam-se as estratégias concretas porque são elas que produzem as informações com mais sofisticação, traduzindo um aprendizado com mais benefício.

ATENÇÃO PARA APRENDER

Os Neurônios de atenção estão em plena atividade. O processo de atenção é alterado quando se executa várias atividades simultâneas. O cérebro não

é capaz de faz duas coisas ao mesmo tempo com a mesma qualidade. Por isso é importante uma aula instigante, pois o aluno presta atenção naquilo que é estimulante, buscando eliminar elementos distratores.
De acordo com Consenza e Guerra (2011), "quem ensina precisa ter sempre presente a indagação: por que aprender isso? Qual a melhor forma de apresentar isso aos alunos, de modo que eles reconhecem seu significado?"

COMPREENDER PARA APRENDER

Para Cosenza e Guerra (2011), uma exposição prévia do assunto a ser aprendido, que faça ligações do seu conteúdo com o cotidiano do aprendiz e que crie as expectativas adequadas é uma boa forma de atingir esse objetivo.
A aprendizagem inicia-se muito antes da criança ser inserida no contexto escolar. Essa aprendizagem se dá porque o sujeito está exposto aos elementos da cultura e as pessoas que servirão de mediadores nesse processo.
É importante que se utilize o método da descoberta como estratégia básica do trabalho educacional. O aprendiz tem plenas condições de percorrer o caminho da descoberta, investigando, fazendo perguntas, experimentado e descobrindo.

MOTIVAÇÃO E EMOÇÃO PARA APRENDER

Atribuímos que há motivação tanto na felicidade quanto na dificuldade de aprender. Como conceito básico para Bock (2008), motivação é o processo que mobiliza o organismo para ação, a partir de uma relação estabelecida entre o ambiente, a necessidade e o objeto de satisfação.
Na base da motivação, está o sujeito que apresenta uma necessidade, um desejo, uma intenção, um interesse e uma predisposição para agir.

RECONTAR, REVER E REPASSAR

É importante que o professor crie oportunidades em que o mesmo assunto possa ser examinado, mais de uma vez, em diferentes contextos. O fato de o aluno ter a possibilidade de rever o conteúdo em vários contextos permite o cérebro criar vários caminhos para a consolidação do conteúdo.
A consolidação é o resultado de novas conexões entre as células nervosas e para que isso ocorra, demanda tempo e nutrição, ou seja, não ocorre de imediato.

DESENVOLVER FUNÇÕES EXECUTIVAS

Nas questões escolares, as funções executivas devem permitir que o aluno aprenda a planejar suas atividades, sendo capazes de estabelecer suas metas dentro de uma perspectiva temporal.

Pretende-se que eles não só busquem a informação utilizando os recursos existentes, mas que façam intervenções e inferências acerca do assunto.
É contribuição do professor para a formação do aluno, ajudá-lo a atingir os estágios de planejar suas atividades, decompondo-as em subtarefas que possam ser desenvolvidas, sendo capazes de estabelecer metas dentro de uma perspectiva temporal.

Viviane Brandão
Vice-diretora e coordenadora pedagógica do Instituto Educacional Manuel Pinheiro

Ila de Castro Lacerda

A Geração das crianças sem olho no olho

Não há dúvida de que a tecnologia trouxe um grande avanço para a humanidade, tornando-se hoje indispensável. Estamos mergulhados na era digital e a inclusão das crianças neste mundo é inevitável.
Diante desse contexto, pais e escola devem redobrar os cuidados, para que as crianças e adolescentes não fiquem expostos ao uso excessivo da tecnologia, já que a questão reside no tipo de relação que o sujeito estabelece com o objeto. Se o objeto exercer um poder que supere o sujeito, que o domine, a relação se torna patológica.
Infelizmente, temos hoje uma situação preocupante, uma vez que esta geração está totalmente imersa no mundo virtual, a ponto de substituir o contato físico, as rodas de conversa, a presença cuidadosa e crítica do outro em suas vidas. A relação com o corpo vem cedendo lugar à relação com a máquina.
Vivemos num mundo consumista, em constante e frenética transição, sem que tenhamos tempo suficiente para decifrar, compreender e elaborar as rápidas mudanças.

Instalou-se um quadro de falta de referências, crenças e de valores sólidos, nos quais esta geração possa confiar e se apoiar para construir sua identidade e dar sentido a suas próprias vidas.

O mundo infanto-juvenil tornou-se um grande mercado, todos querem vender para eles, desde os jogos eletrônicos, festas apoteóticas, roupas, sapatos e serviços de salão de beleza especializados em produzir um "look" que seja admirado e aprovado por todos...
Por outro lado, observamos um processo de "infantilização" do mundo adulto, em que as referências de idade, maturidade, responsabilidade e ética estão se diluindo, chegando ao cúmulo de criar um clima de competição e uma postura de submissão dos pais frente aos filhos.
É preciso entender, que de nada adianta compensar, material ou permissivamente, o vazio que se instala advindo da falta-a-ser, inerente a toda condição humana. Essa falta só pode ser minimizada quando existe amor, diálogo e limites. Vivemos levianamente ao mergulharmos de cabeça nas ofertas de consumo e ao optar por soluções rápidas e fáceis ante as nossas angústias.
Constantemente, ouvimos queixas de pais, que não conseguem sequer fazer com que seus filhos cumpram suas tarefas escolares ou que realizem qualquer outra atividade, senão aquelas em prevalecem o desejo de passar todo tempo conectados às redes sociais. Os pais não conseguem limitá-los com firmeza e reconectá-los à realidade. Não apresentam disponibilidade emocional e

de tempo para envolvê-los e oferecer-lhes outras simples alternativas que possuam mais consistência simbólica, tais como: jogos criativos ou de tabuleiro em família; tempo ao ar livre para andar de bicicleta, pescar, observar, valorizar e contemplar a natureza; dar-lhes responsabilidades e promover independência condizente à idade; permitir tempo para o ócio e para o brincar; suportar o vazio e o tédio do qual se queixam, incentivando-os a criar alternativas interessantes para estes momentos; estimular a socialização através do contato com colegas e familiares; envolvê-los com as tarefas de casa (colocar a mesa, cuidar dos animais, manter o quarto organizado e outras); ensinar-lhes autorregulação e habilidades sociais para se comportarem em casa, nos restaurantes, nas festas de aniversários, nas visitas a familiares e aos amigos, coibindo nesses momentos o uso da distração digital, para que possam interagir com os outros.

A nossa casa é por excelência o lugar onde crescemos, convivemos, rimos, choramos e onde comemos juntos o pão de cada dia (ou até mesmo o "pão que o diabo amassou").

Entretanto, esse ambiente acolhedor, parece estar cada vez mais distante... Parece que tudo se tornou mais importante do que se relacionar e prestar a atenção aos filhos: a academia, o celular, as amigas de espumantes, a carreira, o trabalho, as confrarias regadas a ótimos vinhos... o mundo do consumo se tornou mais caro e sofisticado, enquanto que a qualidade das relações pessoais está cada vez mais banalizadas e empobrecidas. O fato é que os pais andam cada vez menos disponíveis emocionalmente para os filhos, deixando-se, inclusive, serem governados por eles. Como consequência, esta geração vem se tornando mais frágil, apresentando problemas de autocitação, de aumento do TDAH (transtorno do déficit de atenção e aprendizagem), de isolamento no mundo virtual, de maior suscetibilidade ao sofrimento e à prática do bullying tanto no campo real quanto virtual, de depressão e de atos de suicídio. A diretora escolar Aparecida Nicolai Curto, chama a atenção para algo que caracteriza esta geração: a "Síndrome das crianças sem olho no olho ".

Como reverter isso?

Escutar... escutar e escutar esta geração em sua fala, em seus silêncios e em sua dor de existir. A perda da escuta e do diálogo entre pais e filhos fragiliza os laços familiares, faz com que os filhos transfiram para terceiros (personagens reais ou virtuais) a busca das referências que necessitam para construir suas identidades e é justamente aí que mora o perigo.

Sem sombra de dúvida, a tecnologia é de grande utilidade para

o mundo, mas ela pode trazer um risco enorme quando mal utilizada. Cabe aos educadores, estarem atentos aos impactos que ela exerce e construir com esta nova geração uma visão crítica e uma utilização ética da mesma. É necessário levar os alunos a desenvolverem a capacidade de usá-la de forma que faça sentido em seu processo de aprendizagem. A escola deve criar um ambiente onde a tecnologia seja um suporte para boas práticas pedagógicas.

As nossas casas são invadidas a todo instante pelas redes e mídias televisivas, sociais e virtuais. As pessoas passaram a se comunicar mais por meio eletrônico do que por contato direto.

De um lado, o mundo virtual possibilita a comunicação quando as pessoas se encontram em lugares distantes, o que gera uma aproximação e maior agilidade na comunicação. Por outro, traz para os pais certa tranquilidade pelo fato de acharem que os filhos estão protegidos da violência das ruas, mas essa "proteção" é totalmente ilusória. Se não existir por parte dos pais, monitoramento, orientação e controle, seus filhos ficarão expostos a uma série de estímulos, referências e propostas desconhecidas e impactantes. O fato é que essa presença exacerbada da tecnologia na vida desta nova geração, forma com certeza excelentes pilotos de máquinas, mas pessoas com muita dificuldade em estreitar os laços sociais.
Temos um conceito idealizado de que a infância pertence a um "mundo colorido", onde não existe lugar para a depressão. Ledo engano, pois nem todo comportamento pode ser reduzido a "coisa de criança". A depressão se revela de modo sutil através de: mudanças de comportamento, de conflitos vividos no ambiente familiar ou escolar, de desinteresse pelo lúdico, de isolamento social ou virtual, de consequências de bullying, de dificuldades escolares, de sobrecarga com as agendas de atividades, de crises de identidade sexual, de perdas amorosas ou familiares e outros. A atenção dos adultos a estes quadros e sintomas, deve ser ágil, pois, em geral, crianças e adolescentes podem apresentar dificuldades para verbalizar e pedir ajuda. Nesse sentido, todo o cuidado é pouco, visto que uma depressão mal tratada pode, sim, levar ao suicídio.
Diante dessa realidade, como a família e a escola podem ajudar?
Da parte dos pais, só a boa intenção não basta... antes de tudo, precisam assumir o exercício da função paterna, oferecendo limites, proteção e orientação aos filhos, seja em relação ao mundo real ou virtual. Cultivar a confiança, a cumplicidade, criar canais de comunicação e de diálogo, fazer circular a escuta e o afeto, estabelecer uma relação de proximidade em que possam se olhar "olho no olho".
Já a escola precisa exercitar a "escuta", ler o mundo e o contexto das novas configurações familiares, oferecer limites e proteção, buscar o equilíbrio entre o processo de desenvolvimento humano e o acadêmico, abrir espaço para as trocas afetivas, para a expressão das emoções, já que o afeto possui uma importância crucial no processo de ensino - aprendizagem, construir valores, oferecer boas referências através de seus educadores.

Precisa, ainda, praticar uma pedagogia em que a experiência de errar e de consertar o erro venha acompanhada pela solidariedade e o respeito dos colegas e professores, pois esse é um bem que se leva para a vida toda.

Atentar para o nível das pressões, para os excessos de estímulos, de cobranças de conteúdos "despejados" sem que haja significado e nem tempo para a compreensão e assimilação do conhecimento. Saber que esta geração circula pela vida desacreditada de suas idéias e utopias, daí a importância de valorizar a dimensão simbólica do brincar e da criação enquanto atividades que propiciam o amadurecimento e a estruturação de caminhos e recursos para que as crianças e adolescentes possam enfrentar as dificuldades e provações provenientes do mundo externo.
Sabedoria é o que família e escola precisam para enfrentar os desafios da modernidade relativos às promessas de consumo vazias. A angústia e a depressão constituem exatamente, revoltas contra estas promessas de satisfação que nunca se completa.

Quanto menos subjetividades são formadas no "corpo a corpo" entre as pessoas, mais alienação e sujeição haverá às diretrizes do poder midiático, político, econômico, social ...

Por isso, família e escola, devem cultivar e praticar a ideia de que "gostoso" mesmo é a convivência de gente com gente.
É poder abraçar, rir, brincar, criar, sonhar, chorar, trocar ideias, questionar, fazer amigos, enfrentar as situações de frente, curtir a família, a escola e embalar boas conversas olhando "olho no olho".
Educar é abrir espaço para o pensar, sentir, refletir, construir saberes, e o seu fracasso está justamente em resistir à verdade, em não querer ver e apresentar o mundo tal como ele é. Devemos, pois, oferecer a esta geração um mundo real, onde possa se situar e se sentir parte desta grande família chamada "humanidade". O prazer de viver advém do esforço, da luta, do trabalho e da conquista dos nossos sonhos...
A realidade, pode até ser dura demais, mas ainda é o único lugar onde é possível educar nossas crianças e adolescentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN Giorgio. O que é contemporâneo? e outros ensaios/ tradutor Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009

ALMEIDA Fernando José de. Computador, escola e vida: aprendizagem e tecnologias dirigidas ao conhecimento. São Paulo: Cubzac, 2007.

COSCARELLI Carla Viana, org. Novas Tecnlogias, novos textos, novas formas de pensar / organizado por Carla Viana Coscarelli. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LEMOS Ines. Pedagogia do Consumo. Família, Mídia e Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARCOS Luis Rajos . "Há uma tragédia silenciosa em nossas casas", viral que tem contagiado a internet. 30/06/2016. Por Conti Outra - Psicologia - Diversos.

MILMAN Lulli .Cresceram !!! : um guia para pais de adolescentes/ Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

MONTEIRO Lilian . O que tem deixado crianças e adolescentes tão tristes e depressivos? Como resgatá-los? Especialistas orientam . 08/05017. https://www.com.br/app/noticia/saude/2017/05/08/noticias-saude,206259/o-que-tem-deixado-criancas-e-adolescentes-tao-tristes-e--depressivos...

Ila de Castro Lacerda

Psicóloga,Psicanalista e Orientadora Educacional

Priscila Pereira Boy

Escola de diversos

Era para ser uma aula de educação física fantástica, afinal o professor havia pensado em uma atividade com bolas coloridas, onde trabalharia com as cores e depois com pequenas somas, atribuindo valor a cada uma. Mas uma colega nova chegou naquele dia e... adivinhem? Ela era cega. Como identificaria as cores e faria as somas a partir delas?

O dia da festa das mães chegou e estava tudo maravilhoso. O Teatro lotado, a decoração impecável, muita emoção e expectativa, até que dois pais chegam de mãos dadas e se assentam na primeira fileira.

A aula seria de trigonometria e o professor separou um vídeo muito interessante, para os alunos. Mas, na hora da apresentação, não havia como traduzir o vídeo em libras e o aluno surdo ficou de fora da atividade.

A professora pediu aos alunos que colorissem o personagem com lápis cor da pele. Mas, um aluno negro disse que não estava encontrando a cor da sua pele na caixa de lápis de cor.

No dia da consciência negra, a professora confeccionou perucas de Bombril com as crianças, para fazer uma "homenagem" aos cabelos africanos.

Se você está dando risadas, indignado, estarrecido ou achando tudo inacreditável, quero te dizer que TODAS as situações relatadas acima são fatos reais. Aconteceram em alguma escola por aí.

As situações são diversas, mas trazem uma coisa em comum: ninguém sabe como lidar com a diversidade. O diferente nos coloca diante do novo e saber como agir é nosso grande desafio. O mundo é feito de pluralidades. Raças, sexo, etnias, crenças, gostos, religiões, valores morais, orientação sexual e por aí vai.

Historicamente, as escolas foram pensadas e desenhadas para um pequeno grupo de privilegiados social, econômica, política e culturalmente. A Constituição Federal de 1988, no Art. 205, determina "que a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho."

A escola, por ser um espaço público e democrático, precisa acolher as diferenças. É certo que vamos receber, no espaço escolar, uma diversidade enorme de pessoas.

Não coloco o foco de minha reflexão apenas no grupo social constituído pelas Pessoas com Deficiência (PcD), mas em todos os indivíduos e grupos que – por razões distintas – ocupam uma posição social que os coloca em risco contínuo de

vulnerabilidade e redução das chances de desenvolvimento humano ou em posição de preconceito ou discriminação.
Há muitas leis que tratam de direitos específicos e de como devem ser conduzidas as ações em torno da diversidade. As desvantagens vividas por membros dos grupos que se encaixam na esfera do termo diversidade são infinitas e impossíveis de serem mapeadas porque elas acontecem no dia a dia, em alguns segundos, e somente são percebidas ou seus efeitos são sentidos por aqueles que as vivem.
A Base Nacional Comum Curricular, documento normativo, que vai orientar a elaboração dos novos currículos escolares, fez questão de destacar a necessidade de a escola contribuir para aplacar toda discriminação e preconceito, dialogar com a multiculturalidade. A convivência e respeito à diversidade deve ser uma dimensão fundamental de uma escola acolhedora.
Nesse sentido, a BNCC, não é só o alicerce para os futuros profissionais, é, também, um elemento essencial para os seres humanos e cidadãos que estaremos ajudando a formar nas escolas.
A defesa dos direitos humanos transpassa qualquer posicionamento político ou ideológico. Por isso, são fundamentais, o diálogo e o entendimento em torno da nova BNCC, com o resgate de valores essenciais para a educação, como o integral respeito aos direitos humanos no processo de formação de nossa crianças e juventudes.

Priscila Pereira Boy
Pedagoga, mestre em Ciências da Educação, pós-graduada em antropologia filosófica, docência do Ensino Superior, gestão de pessoas e projetos. MBA Internacional em Marketing. Atualmente é assessora Pedagógica Estratégica do Bernoulli Sistema de Ensino, palestrante e escritora.

Aleluia Heringer

A Educação que queremos para o Brasil

"Onde não há pão
Não há sossego"
José Afonso

Ao falarmos de uma educação "para" um país, no caso, chamado Brasil, inevitavelmente vem a dúvida: mas qual Brasil? Quem está querendo? Qual educação? Se no título já estamos com tantas dificuldades, corremos o risco de complicar mais ainda. Entretanto, Edgar Morin diz que a complexidade está mais próxima das crianças do que dos adultos, pois não se trata de algo complicado, mas daquilo que é tecido junto. Que seja assim. Partimos do pressuposto que temos muitos Brasis, categorias sociais distintas de cidadãos. Extrema é nossa riqueza, aguda é nossa pobreza. A educação, assim como qualquer direito básico garantido à população é diversa, seguindo a lógica dos extremos. Se abríssemos aqui alguns parágrafos para dados estatísticos, veríamos que a educação oferecida no Brasil tem sua qualidade atrelada a cor/etnia, região geográfica, origem socioeconômica, para citar algumas variáveis. Somam-se a tudo isso, e com grandes implicações, as duas vias paralelas, da oferta pública e da particular.

Em uma ponta dos nossos extremos sociais, alguns estudantes encontram o caminho desimpedido, o café na mesa, o carro na garagem, dinheiro para lanche e almoço, os livros, tablets, viagens, esporte, aula de inglês e mandarim, os professores mais bem qualificados e as escolas mais bonitas e, no final do dia, um pai ou uma mãe que pergunta: o que você aprendeu hoje na escola? Já fez os deveres?

Na outra ponta, a criança ou jovem que parte a pé, quase sempre mal alimentado, carregando seus modestos materiais escolares, rumo à escola da precariedade e para o encontro com os professores sobreviventes. No final do turno, quando retorna para casa, não encontra uma mãe disponível e muito menos um pai. Muitos irão para a rua, outros sairão para fazer "um bico", se quiserem adquirir um tênis ou um celular.

Um dia esses dois tipos de brasileiros irão se encontrar: um dentro do restaurante bacana ou do teatro, e o outro, do lado de fora, como flanelinha. Nossa pátria mãe gentil, o é, somente para alguns de seus filhos!

Esperar do Estado o reparo desse fosso social é preciso e necessário, entretanto, leva tempo. Como nação deixamos de cumprir uma obrigação alijando gerações do acesso à boa educação.

Temos clareza de que aquilo que não é para todos não será para ninguém. Não existe ilha social. Iremos percorrer as mesmas ruas, utilizar as mesmas praças e morar no mesmo chão.

Acessar e usufruir da polis, dos seus bens culturais e materiais é, ou deveria ser, para o conjunto de sua população. Esta alfabetização é algo que se ensina na educação básica, daí ser uma oferta essencial para toda a população. Ter excluídos e marginalizados, inviabiliza para estes e aqueles, qualquer tipo de avanço na ideia de povo brasileiro em qualquer de seus índices. Um povo que não leva a sério sua educação não terá parques para lazer e nem parque tecnológico. "Onde não há pão não há sossego", assim como, o país que não investe na educação do seu povo, não tem lugar no hoje nem no futuro.

A educação que desejo para o Brasil não requer a construção de uma escola sofisticada com equipamentos "de última geração". A escola precisa ser limpa, organizada, com recursos e objetos essenciais, mas que funcionem. Uma boa educação não é sinônimo de ostentação. Que tenha, como ponto de partida, o arcaico quadro e giz, mas nesse lugar o que precisa ser "de ponta" são os docentes. Esse é o grande investimento que o Brasil precisa fazer. Cada criança e jovem brasileiro têm o direito de ter um professor ou uma professora com formação científica e técnica consistentes em didática, metodologias de ensino, entendimento do desenvolvimento da criança, dentre outros conhecimentos e uma boa e atraente remuneração. Que a educação seja parte de um projeto estratégico de nação, blindada dos interesses duvidosos dos governos que se sucedem. Aí sim, haverá sossego!

Aleluia Heringer
Diretora do Colégio Santo Agostinho de Contagem

Olhares

Guilherme Greco de Andrade

Educação em pauta

A intensa disseminação da internet e o surgimento de mecanismos de buscas permitiram que todo o saber, antes concentrado em espaços físicos como bibliotecas, escolas e universidades, se tornasse seguramente acessível por uma vasta parcela da sociedade. Além de divulgar os conhecimentos já existentes em livros e enciclopédias, tornou-se muito mais rápida e barata a publicação de novos estudos e experimentos. É possível afirmar que atualmente vivemos em um período de muita informação e ampla comunicação.

Com apenas alguns segundos, mínimo esforço e um celular, qualquer um pode sanar uma dúvida ou curiosidade e isso afeta diretamente a maneira na qual aprendemos. As escolas funcionavam como um oásis no deserto. A sabedoria se limitava quase que exclusivamente às instituições de ensino onde todos deveriam, ao menos uma vez na vida, se dedicar à aprendizagem. Atualmente, com essa facilidade de acessarmos a internet, estamos submersos num oceano de dados. A escola deve, ao invés de fornecer uma fonte de conhecimento aos alunos, ensiná-los a "nadar" nesse oceano.

Nesses novos processos educativos, o papel do professor se torna ainda mais essencial. No espaço digital em que há a presença numerosa de notícias falsas e pseudociência, os estudantes precisam ser ensinados a pesquisar e filtrar os conteúdos encontrados. E qual o custo dessa educação em que o professor é capaz de exercer sua profissão com maestria e ainda é reconhecido pela sua relevância? Certamente é difícil precisar um valor ideal que deve ser gasto com cada estudante.

No ensino fundamental, o Brasil desembolsa menos de metade da média gasta por outros países analisados pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), uma quantia que se mostra seriamente insuficiente.

Entretanto, mais difícil do que isso é estimar o dinheiro necessário para suprir as carências de um povo ignorante, que não questiona as decisões de governantes e que não procura o conhecimento necessário para tal.

E quem compartilha das reflexões e indagações a respeito da situação educacional e política do país? Definitivamente não o operário com condições de trabalho deploráveis ou o sem-teto em busca de abrigo. Precisamos de tempo não atribuído à simples sobrevivência para que possamos pensar assim. Se todos que têm esse luxo do tempo investissem em se informar melhor para assim buscar soluções para os problemas contemporâneos e exigir decisões lógica e intelectualmente corretas aos chefes de estado, um tema tão simples como a educação não seria pauta de discussões. Mas, sim, as descobertas e avanços trazidos por cidadãos bem formados.

Guilherme Greco de Andrade
Estudante

SOLUÇÕES

INTELIGENTES E CRIATIVAS

que potencializam os resultados da sua Instituição de Ensino.

Somos especialistas em Escola Particular há mais de 30 anos e referência no mercado educacional. Produzimos 3.500 folhas mensalmente e mais de 700 homologações por ano nos segmentos da **EDUCAÇÃO INFANTIL, FUNDAMENTAL, MÉDIO, SUPERIOR, CURSOS LIVRES E IDIOMAS.**

Num mercado extremamente competitivo não basta uma contabilidade produzindo folhas e guias de impostos, mas uma empresa que entende do seu negócio.

De forma abrangente, inovadora e **FOCO EXCLUSIVO NA GESTÃO DE UMA ESCOLA PARTICULAR,** prestamos serviços nas áreas contábil, tributária e administrativa, bem como soluções específicas tais como: terceirização de departamentos, consultoria e treinamento.

VS

Consultoria e Contabilidade

(31) 3273-3810
www.vscont.com.br
geral@vscont.com.br
Rua da Bahia, 1032 - 6ºandar - Centro - BH/MG

Anna Gilda Dianin

Liberdade de Ensino

Em período de tamanha efervescência – eleições gerais, greves, economia estrangulada, horizonte estreito quanto à possibilidade de crescimento ¬,a educação que fazemos, deveria ou deve ter o papel de destaque nos planejamentos dos que vierem a ser eleitos, tanto para os cargos do legislativos, quanto dos executivos. É urgente planejar a função do Estado na educação.

E não se está a falar de um planejamento rasteiro, com foco apenas nas próximas eleições e não na atual e próximas gerações. E, para tanto, não é necessário reinventar a roda, queimar fosfato com ideias mirabolantes ou buscar o gênio da garrafa de Aladim. A tarefa é mais simples do que parece: basta cumprir o que determina a Constituição da República, nos 10 artigos dedicados à matéria.

Não basta facilitar a entrada de infantes e jovens nas escolas.

É necessário garantir o aprendizado e a permanência na escola, fechando a ativa fábrica de produção de analfabetos funcionais, o que, por sua vez, os convertem em cidadãos incompletos, carregados de insatisfação e infelicidade.

É tarefa primordial dar efetividades aos princípios do art. 206 (CF/88), dos quais se destaca: (I) igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; (II) liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; (III) pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

Expurgar dos órgãos do ensino a burocracia comprometida com o atraso, enxugando o papel do Estado na educação e, sobretudo, possibilitando a emergência da liberdade de ensino em todas as suas dimensões, quer na escola pública ou privada.

Sobre esta última, concluo com as palavras do Cardeal Cerejeira, que embora proferidas há mais de 60 anos, relativamente ao ensino privado em Portugal, continuam atuais por aqui.

"O ensino particular (…) está sujeito a uma fiscalização que tem muito de estreita regulamentação. É ainda o nosso país neste aspeto um dos mais estatistas: não será exagero afirmar que a escola única é o regime oficial. A própria França, que a tem defendido como ideal político, subsidia, não obstante, as escolas católicas. Moveu-a o sentimento da liberdade escolar e do reconhecimento do direito das famílias. A escola única (única porque só ela tem o favor do Estado) não respeita nem o direito da Igreja nem o das famílias» (Cardeal Cerejeira, cit. pelo deputado Urgel Horta, Assembleia Nacional, Diário das Sessões de 12/12/1956, p. 122). Citado por Jorge Cotovio, 18/05/2018 in https://observador.pt/opiniao/liberdade-de-ensino--tambem-salazar-nao-gostava/

Anna Gilda Dianin
Presidente do SINEPE Sudeste

Be - Bilingual Education:
um novo jeito de ser naturalmente bilíngue.

O único programa bilíngue a oferecer conteúdos completos de Science, Geography & World Cultures e Language, 100% em inglês.

E MAIS...

- Material didático da National Geographic Learning;
- Recursos didáticos que legitimam o currículo para escolas brasileiras, de acordo com os parâmetros nacionais;
- Flexibilidade quanto ao tempo de instrução semanal: 5 ou 10 aulas;
- Assessoria na seleção e capacitação dos profissionais envolvidos no programa.

Biligual Education: o mundo pede, sua escola precisa.

www.beducation.com.br
contato@beducation.com.br
(31) 3311.8583

Be Bilingual Education
NATURALMENTE BILÍNGUE

PROUD PARTNERS WITH
NATIONAL GEOGRAPHIC LEARNING

Paulo Volker

A educação do querer

Querer, desejar, sonhar idealizar. Do Oiapoque ao Chuí, que educação queremos para o Brasil? Grande pergunta, milhares de respostas. Talvez algo próximo de 200 milhões de respostas. A sociedade contemporânea, através das suas mais sofisticadas ferramentas tecnológicas, nos ensinou algo na prática, algo que tínhamos como intuição, mas com poucas provas. É possível que nossos desejos não tenham coerência com o que fazemos. Dado um querer, quando vamos cotejá-lo com nossa vida cotidiana, é possível observar distâncias significativas.

Se queremos democracia, somos democratas ? Se queremos paz, somos pacifistas ? Se queremos felicidade, somos capazes de viver felizes ? Se queremos uma educação melhor, fazemos uma boa educação hoje ?

Esse dilema entre a palavra e o gesto, o discurso e a prática sempre trouxe problema para os cientistas sociais, sempre desafiou a sociologia, tanto quanto a antropologia. Por haver, em alguns casos e em algumas sociedades, tanta distancia entre um termo e outro, chegou-se a pensar que podemos ter "falsa consciência" (Lukacs) ou até mesmo "alienação" (Späth).

Para fugir desse problema poderíamos perguntar, o que estamos fazendo na educação do Oiapoque ao Chuí que pode esclarecer o que queremos ? O que fazemos aponta para um futuro melhor ? Estamos gestando o nosso futuro hoje ? Para responder essas últimas perguntas chegamos ali na Avenida Samuel Priliac, 1165, onde se encontra a Escola Estadual Marechal Soares de Andrea, no Chuí. Como um antropólogo, estamos buscando sinais que apontam para um futuro melhor, até utópico, nesse extremo sul do Brasil. Logo abaixo da escola, a fronteira com o Uruguai.

A escola é completa, de Datashow a quadras esportivas, 9 salas de aulas, 43 funcionários, 400 alunos do fundamental ao médio. Evidentemente, como todas as escolas, uma complexidade de relações, redes, dinâmicas variadas de ensino e aprendizagem. Entretanto, nesse sobrevoo que fazemos, destaca a Banda Musical Marechal Soares de Andrade (http://bandamusicalmsa.blogspot.com). Chuí tem uma banda musical cadastrada no projeto de apoio a bandas da FUNART.

A ex aluna da escola Valentina Urquia escreve sobre essa experiência, "… superando as expectativas conquistamos 3 prêmios, o de Melhor Letra, Melhor Arranjo e Melhor Musica Nativista, pela musica Morada do Verso. Todos estão de parabéns, tocamos super bem e tenho certeza que representamos bem a escola, sem falar na torcida que foi essencial para o nosso desempenho!".

Uma banda de música não é um equipamento necessário em uma escola. O dia a dia da educação acontece muito bem sem uma banda de música. Ter uma banda com mais de 20 instrumentos, alunos capazes de tocar esses instrumentos e uma agenda regular de apresentações, é algo que foge muito do básico das instituições de ensino. Portanto, é um fato notável. Todas as teorias sobre capital social, a partir das análises de Robert Putnam, reconhecem que a complexidade e multiplicidade das relações que são estabelecidas em um território ou em uma instituição, aumenta

seu capital social e, consequentemente, o nível de confiança e de interações. Equipamentos, dispositivos, rotinas e agendas que possibilitam um aumento nas interações funcionam como capitais de enriquecimento social.
Por isso mesmo, quanto mais dispositivos, equipamentos, agendas e iniciativas de interação e dinâmica cultural houver em uma comunidade, maior é o seu capital social. Esse raciocínio é básico, um território que tem um grupo teatral tem, em princípio, mais capital social do que um território que não tem.
A banda de música da escola do Chuí é um fator notável e tipicamente um fazer da escola Marechal Soares de Andrea, que hoje aponta para o futuro. Alguém da escola que venha querer, desejar, sonhar ou idealizar algo sobre a educação, seja para o Chuí, o Oiapoque ou para todo o Brasil, levará em conta esse fato notável. Quem já experimentou conviver com uma banda, que teve consciência da sua importância, levará a banda de música como parte do que será idealizado.

Ou seja, o agora, o presente, dado a sua qualidade, determina a qualidade que projetamos para o futuro. Portanto, a sustentação do nosso querer futuro se dá no nosso fazer presente.

Ali na rua Lélio Silva, bem próximo do Monumento Extremo do Brasil, encontramos a Escola Estadual Joaquim Nabuco, em Oiapoque. A escola atende mais de 2300 alunos, tem mais de 80 professores e possui uma estrutura completa, em termos de equipamentos de ensino.
O ex aluno da escola Celso Gués escreve no seu blog "Eu nasci no Oiapoque, sou filho do pedaço desse chão no Brasil. E tenho muito orgulho disso, o suficiente para sorrir com os que zombam por não conhecê-lo ou se alegrar nas conquistas de seus filhos nos lugares mais remotos. Meu espírito nunca se abalou diante dos preconceitos sofrido, quando mencionava o lugar da minha origem. '…é índio…', sim sou índio, apesar de aculturado, trago no sangue essa característica, e isso nunca me tornou mais incapaz do que o meu irmão branco ou negro" (https://oiapoquenossahistoria.blogspot.com/2013/10/oiapoque-ap.html) .
A professora Marilucia Marques do Espírito Santo defendeu uma tese de mestrado em 2009 na PUC Rio com o título de "De Oiapoque a Saint- Georges': uma pesquisa sociolinguística em meio escolar na fronteira Brasil e Guiana Francesa". A pesquisa teve como um dos seus focos a questão do multilinguíssimo, considerando a relação da comunidade francesa de Saint-Georges e Oiapoque. Entre as várias observações e constatações interessantes feita pela Profa. Marlucia, se destaca justamente essa relação dos jovens daquele território com o multilinguísmo, em um contexto em que a demanda pelo entendimento e relação com uma segunda língua se dá justamente pela comunidade de Oiapoque e, especificamente, dos jovens.
A Guiana Francesa, um território da União Europeia, não tem, de fato, muito interesse e iniciativas de relacionamento com o Brasil. Seja lá por motivos históricos, seja por motivos socioeconômicos, as relações são tímidas. Entretanto, da parte dos Brasil e das comunidades daquela região, o interesse é grande, por circunstancias comerciais e culturais.
Desta forma, como observa a Profa. Marlucia, há um comprometimento da escola em trabalhar a língua francesa, o que se prova pelo fato de todas as placas da escola serem bilíngues. A consequência disso é um "modelo mental" da comunidade escolar naturalmente multilinguista.
A realidade de Oiapoque torna-se ainda mais interessante e rica graças a expressiva e contundente realidade indígena. A fala do aluno Celso ("…mencionava o lugar da minha origem. "...é índio...", sim sou índio") citada acima, mostra justamente a importância dessa dimensão na identidade daquelas pessoas.
A agenda da escola Joaquim Nabuco é salpicada de eventos voltados para a comunidade indígena, inclusive com unidades escolares em territórios indígenas.
Novamente nos deparamos com um fato notório, o multilinguísmo e a transversalidade cultural.

Lá no extremo norte do país, Oiapoque convive com uma situação presente que, sem sombra para dúvidas, aponta para o desejo, o querer e o sonho de uma educação futura.

A educação para o Brasil que eu quero, em alguns dos seus aspectos importantes, já se faz de alguma forma, em várias escolas e comunidades. Por circunstancias históricas não se consegue estabelecer um padrão de excelência de educação que se instale em todo território nacional. Mas isso não significa que a ineficiência e a mediocridade seja uma característica nacional. De forma assimétrica, descontínua, fragmentada e diferenciada as experiências da excelência educacional se manifestam em todo o Brasil.
Efetivamente pelo mérito das comunidades e territórios, já há um presente que sustenta nossos sonhos. Por isso mesmo, quando falamos de um querer melhor para a educação, do Oiapoque ao Chuí, não estamos em um delírio sem fundamento, estamos mirando a experiência singela de uma banda de música ou as placas bilíngue de uma escola. Nada as obriga a ser assim, mas elas são, justamente para tornar nosso sonho viável.

Paulo Volker
pvolker@consultor-ia.com

CASA NOVA PINTURAS E REFORMAS IMOBILIÁRIAS
SEU IMÓVEL SUPER VALORIZADO COM BAIXO CUSTO.

- **Pinturas e reformas imobiliárias**: Salas aulas, auditórios, corredores, restaurantes, escadaria, muros, áreas internas e externas.
- **Limpeza de fachadas e pisos:** Revestidos em cerâmicas, pedras rústicas, cimentados e outros, calafetações e impermeabilização.
- **Esquadrias metálicas e madeiras** (portões, grades, janelas, portas, bancos, painéis, play ground, brinquedos, pintura esmalte e verniz).
- **Quadras poliesportivas, pisos de** garagens, pátios, passarelas, pintura e demarcações com tinta acrílica própria e epóxi industrial.
- **Fachadas revestidas vistoria preventiva** tratamento de trincas, calafetações, restaurações cerâmicas granitos, pastilhas, pinturas, aplicações de revestimentos texturizado hidro-repelentes;, Padronize nas cores do seu uniforme.

Ligue e agende seu orçamento, 31-3332-5272 melhores preços, serviços c/ durabilidade, qualidade e garantia; Confira nossas obras, acesse:
Site: www.casanovapinturasbh.com.br
email: jopinpinturas01@hotmail.com -
Facebook –(Floriano Peixoto reformas prediais)

Márcia Amorim

O desafio de aprender

Em pleno século 21 ainda vivemos um dilema sobre o que é central em nossas escolas: ensinar ou aprender? Vejo que avançamos pouco em relação a avaliação da aprendizagem. As inovações tecnológicas introduziram novas formas de relacionamento com a informação, e como dizem nossos amigos colombianos – "se Deus não sabe, pergunte para o Google…." Nada passa sem resposta, mesmo que duvidosa.

Muitos esforços têm sido feitos para melhorar o que chamamos de "qualidade da educação" e insistimos em copiar modelos europeus, orientais e até norte-americanos. Por vezes, abandonamos nossos modelos próprios e nossos educadores nativos fantásticos, dos quais cito apenas Paulo Freire, Leonardo Boff e Rubem Alves, dentre tantas pessoas superqualificadas em nosso país.

Ouvi Bernardo Toro, educador colombiano, falando: "Um país não pode saber qual educação quer ter se não sabe o quanto sabe." Concordo com ele.

Aprendizagem precisa ser medida com eficiência e esse é um dos meus ideais educacionais para um país com melhor qualidade de vida.

Para avaliar bem a aprendizagem, precisamos definir com cuidado o currículo a ser seguido, para que ele não seja uma peça semelhante a um pequeno "Frankenstein", com muitos pedaços vindo de vários lugares, mas pouca harmonia. Queremos continuar educando para o sucesso, para o exercício do poder, para a acumulação de riqueza? Bernardo Toro também chama nossa atenção para estes detalhes. E me encanta saber que este educador é inspirado exatamente em educadores brasileiros, como os que citei acima. Estes ensinamentos brasileiros estão dando certo lá na Colômbia: eles têm hoje altos índices de produção científica nas universidades, que evidentemente só foram alcançados porque conseguiram formar bem suas crianças e seus professores. Possuem escolas rurais modelo em aprendizagem, com salas seriadas e idealizadas para incluir a todos, diminuindo as dificuldades para os que retornam à escola, após períodos de evasão, sem ter que começar do zero a cada vez. É a aprendizagem sendo efetiva.

Para que a aprendizagem aconteça é necessário também que nossos professores e professoras sejam bem formados, que suas condições de trabalho sejam muito adequadas, que sua experiência de formação seja baseada na prática e medida sistemática da aprendizagem.

Por vezes, usamos ferramentas tecnológicas como os principais instrumentos, mas elas não substituem o cuidado, o carinho, o tempo, a espera e a tolerância de educadores.

Acredito numa formação docente focada na cooperação intra e entre grupos, e na prática. Não precisamos, necessariamente, teorizar tudo antes de praticar para aprender. Acredito numa formação docente mais livre, que circule pelos espaços da aprendizagem e encantem os alunos com sua melodia para que depois eles se interessem verdadeiramente pelas formas teóricas de construir tal melodia. E isso vale para os educadores e para os educandos em qualquer etapa da vida.

Defendo, portanto, uma educação empenhada em construir coletivamente a aprendizagem, que prepare seu currículo escolar e seus docentes para isto, e que saiba avaliar esta aprendizagem para definir os novos rumos a cada etapa, com base no que realmente foi aprendido.

Grande abraço a todas e todos.

Márcia Amorim
Bióloga, Pesquisadora, Gestora e Consultora educacional

Francisco Angel Morales Cano

Educar a Alma, a Alma da Educação?

A trajetória da existência do ser humano na Terra é mesmo impressionante. Desde os primeiros sinais de vida humana de que temos notícia, descobertos em rochas canadenses (segundo as últimas pesquisas, de 4,28 bilhões de anos) até os dias de hoje, a pergunta persiste… Ainda que, na atualidade, haja inúmeras inovações, tecnologias, progresso e futurismos, a interrogação fundamental continua a mesma: de onde viemos e por que estamos aqui? Essa é, de acordo com o cientista Matthew Dodd, da University College, em Londres, "a maior questão da humanidade". Qual o sentido da existência e do fazer humano? Qual é o sentido do existir? Coube à educação conduzir a peleja da humanidade por dar respostas a essa pergunta fundante e angustiante ao mesmo tempo, tendo se traduzido em teorias, sistemas, metodologias, espiritualidades e tentativas. São esses fatores que, de uma ou outra maneira, vêm polindo e aperfeiçoando o pensamento, as relações, o desenvolvimento e a sociabilidade dos seres humanos, seja de maneira individual ou coletiva. A tentativa é de sermos, cada vez mais humanos, conscientes, felizes e solidários. Apesar dos tropeços. Chamo a isso a educação da alma, do latim "anima", que significa "vida", "espírito", "sopro", "sede do pensamento".

A palavra alma assumiu especial importância no contexto religioso, mais relacionada à parte espiritual, imaterial e eterna do Homem e, em determinadas religiões, de tudo o que está vivo.

Podemos dizer que a expressão da alma se dá, fundamentalmente, pela espiritualidade e pela cultura (no seu sentido mais profundo e amplo), manifestações maiores dos processos educacionais. Haverá algum núcleo mais genuíno, inovador e revolucionário para a educação do que esse? Duvido.

Tudo bem que devemos estar atentos às metodologias, às diversas pedagogias, às ferramentas necessárias, à tecnologia e seus instrumentos, que devemos aplicar em cada época e contexto, mas se tudo isso não conecta com a alma do ser humano e seu engrandecimento, podemos colaborar para mais do mesmo.

Revisitando Fernando Pessoa: "tudo vale a pena, se a alma não é pequena".

Francisco Angel Morales Cano
Filósofo, educador e vice-presidente do SINEP/MG

AGENDE UMA
DEMONSTRAÇÃO

- contato@mindmakers.cc
- www.mindmakers.cc

Rua Santa Rita Durão, 930
Savassi - Belo Horizonte/MG
(31) 3234-7004

mind makers

Amália Kátia Ferreira Mendes

Gestão Escolar em tempos de mudança

O cenário educacional no Brasil é desigual, porém o contexto é desafiador e o mesmo para todos. Estamos vivendo situações que nos levam a questionamentos sobre as mudanças que têm impactado todo o sistema, seja na rede pública ou na privada, com proposta de novos caminhos a serem aprofundados e explorados. Queremos acreditar que tudo isso esteja visando à melhoria da educação brasileira, assim, contribuindo para a aceleração e crescimento na qualidade do ensino. Para que a escola cumpra a sua missão, é preciso que atenda a uma diversidade de exigências e demandas de vários setores. Sabemos, também, que a escola não está imune à lógica da eficiência e da competição tão exigidas neste século. Contudo, há necessidade de uma prática educativa que mantenha acesa a chama do amor ao próximo, com um olhar de observação e análise que ajude identificar os possíveis problemas e oportunidades que favoreçam a melhoria dos processos, frente à aceleração das transformações sociais.

Mais que atuarmos como gestores, capazes de identificar os desafios e as estratégias para melhorar os processos, precisamos agora, mais do que nunca, sermos capazes de voltar para o ser humano, resgatando sua essência. Portanto, o gestor deve estar alinhado com a missão, com a visão e com os valores da instituição. No Colégio Padre Eustáquio, valorizamos e procuramos vivenciar os princípios da misericórdia: o VER – com realismo – o sofrimento existente; o COMOVER-SE – deixar-se tocar interiormente pela miséria encontrada SE – entrar em ação, solidarizando-se; o PROMOVER – fazer com que seja restabelecida a vida ameaçada, tanto para as pessoas como para o planeta Terra – com sua rica variedade de seres vivos –, pois todos têm direito à vida plena. Sabemos que a escola é o maior espaço de mudança existente durante toda a história da humanidade. Nessa perspectiva, diferente de outros momentos desafiadores da educação, estamos hoje vivendo não só uma revolução tecnológica digital, mas a revolução de saberes, do empoderamento do ser humano, do compartilhamento de informação em tempo real, do educar a partir do exemplo para formar pessoas capazes de suportar as dores dos novos tempos, de pensar de forma a transformar e de assumir seu papel como responsável pelos resultados de sua trajetória.

É tempo de fazer um movimento permanente de superação em um processo gerado da reflexão que exige ação/reflexão e reflexão/ação, com uma posição crítica, comprometida com o humano e com a sociedade em que vive.

Engajado em uma perspectiva transformadora, outro desafio importante, que necessita ser repensado, é o reconhecimento de valor do professor. Faz-se necessário um programa de formação continuada que contribua para o fortalecimento e

a possibilidade de novas estratégias metodológicas e que faça diferença no seu trabalho em sala de aula. A educação precisa contextualizar o conhecimento, passando pelo entendimento, pela criação, pelas experiências, pela aplicação e cooperação de práticas que permitam a transcendência e a capacidade de empregar, em novas situações, habilidades que sejam relevantes para a vida. Precisamos alinhar a matriz curricular à prática pedagógica da sala de aula, desenvolvendo a autonomia dos alunos, garantindo a aprendizagem de excelência, em um movimento da integração, em que os erros aprimoram a aprendizagem. Dessa forma, precisamos repensar uma nova geração de escola em que o aluno se expresse, trabalhe a espiritualidade (sem doutrinamento), o autoconhecimento, o cultivo da vida interior, a reflexão a respeito do ser e do ter, a prática da solidariedade, o desenvolvimento de talentos, o relacionamento com Deus, com o próprio ser, com a natureza e com as pessoas. Ela deve incentivar atitudes éticas, fraternas, humanizadoras, com vista no desenvolvimento harmônico que possa agregar e fazer a diferença na vida das crianças, dos adolescentes e dos jovens, nossos alunos, estendendo-se às famílias, afastando qualquer desesperança diante das dificuldades e problemas da atualidade.

Nós, gestores, devemos praticar a Pedagogia do Cuidar, por meio do nosso olhar, do exercício da escuta atenta e permanente, orientando, cuidando dos relacionamentos, com postura ética, coerente com nossos objetivos e nossas ações.

Dessa maneira, poderemos trilhar um novo cenário de escola a que tanto almejamos: com uma infraestrutura adequada a cada componente curricular, com a vivência de conteúdos que deverão estar a serviço do desenvolvimento de habilidades, com introdução de temas contemporâneos articulados às demandas do novo século. E ainda teremos posturas coerentes perante novas tecnologias, professores sempre em formação e com qualidade de vida, caminhando junto com os alunos rumo às soluções para os problemas com os quais se depararão ao longo de suas vidas. Há de se pensar na esperança, que representa a utopia. Paulo Freire afirma ''que o utópico não é o irrealizável, a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e, de anunciar, a estrutura humanizante. Por essa razão, é também um compromisso histórico. "Devemos continuar sonhando e acreditando na educação, seguindo o exemplo de nosso Papa Francisco que disse que ''o único motivo pelo qual temos algo que fazer no campo da educação é a Esperança na humanidade nova, outro mundo possível."

Amália Kátia F. Mendes
Diretora do Colégio Padre Eustáquio

Liara Sia

Moreira Salles

A educação para "o Brasil que eu quero"

Tudo aquilo de bom – mas de bom mesmo – que se queira realizar passa pela educação. Ainda não se inventou outro caminho. É só olharmos para os países mais bem-sucedidos do Planeta.
E então?
Que educação devemos oferecer aos nossos alunos para construção do Brasil que todos queremos?
Remunerar bem o professorado é importantíssimo, sobretudo para que pessoas de talento sejam atraídas para a área. Mas perguntemos sinceramente: "Só isto basta?".
A experiência mundial tem dito que não.
A Pedagogia Logosófica assinala que é fundamental, também, "o desenvolvimento e o domínio profundo das funções de estudar, de aprender, de ensinar, de pensar e de realizar". Vamos e venhamos: uma meta dessa envergadura exige muito mais do que bons salários e boas intenções. O corpo docente tem de se qualificar para responder "presente!" às gerações de hoje e do futuro. E essa qualificação começa com a visão clara do que se deve querer acima de tudo.

Comecemos pelo "estudar" e pelo "aprender", que têm sido cada vez mais as palavras de ordem na nossa vida e na vida de quem queira embarcar de vez no trem do progresso, trate-se de pessoas ou de povos.
Mas... Estudar o quê? Aprender o quê?

Num mundo em constante renovação, o conhecimento se multiplica de forma extraordinária, e não há como permanecermos alheios a esse fato. E aqui se coloca para os educadores uma reflexão, quiçá a primordial entre todas: "No mundo de hoje, diante de um progresso material vertiginoso, mas diante também de uma cultura ocidental e oriental em franca decadência em seus conceitos e valores morais e espirituais, é possível alguém de fato 'vencer na vida' somente com o acúmulo de conhecimentos científicos, tecnológicos, relegando a segundo plano o trabalho com os conhecimentos transcendentes que se relacionam à vida interna de cada um de nós?".
Entre os conhecimentos que chamamos de "transcendentes" estão os que permitem o saber pensar, fazendo a diferença entre o que é mesmo essa função de pensar e, por outro lado, o que são os pensamentos como coisas prontas, como entidades com vida própria, tais quais as que imperam na vida de homens, mulheres e povos na atualidade.

Saber pensar para saber escolher (inclusive os governantes), para saber conviver, para encontrar o verdadeiro sentido da vida, para evoluir conscientemente na realização dos grandes objetivos da espécie humana.

Para a Pedagogia Logosófica, é este o verdadeiro aprender, o que deve compor a pauta da educação do hoje e do futuro:

um aprender generoso e transcendente. Entre seus objetivos principais, perseguidos numa justa medida em cada faixa etária dos educandos, estão os seguintes:

- ensinar o ser humano a compreender, amar e respeitar o Autor da Criação e a descobrir sua Vontade através de suas Leis, que regem a vida universal e a humana;
- favorecer a realização do conhecimento de si mesmo, que conduz ao conhecimento do mundo mental que rodeia cada pessoa, que permeia sua vida e a vida de tudo quanto existe;
- despertar no educando a vontade de ser melhor também no terreno psicológico, moral e espiritual, enxergando no aperfeiçoamento de si mesmo a tarefa primordial para sua vida e sua felicidade;
- fomentar a prática consciente do bem, mediante a criação e cultivo metódico de pensamentos construtivos e generosos;
- oferecer múltiplas oportunidades para o desenvolvimento das faculdades da inteligência, mas também das faculdades da sensibilidade, numa contribuição prática e efetiva aos fins da fraternidade universal;
- favorecer o desenvolvimento e domínio das funções – aqui já citadas - de estudar, de aprender, de ensinar, de pensar e de realizar, que resultará em aptidões individuais de incalculável significado para o futuro pedagógico na educação da humanidade.

Para cumprir esses objetivos, a Pedagogia Logosófica apresenta inúmeros recursos e técnicas, dos quais destacamos o trabalho com os estímulos positivos, as imagens analógicas, o uso inteligente das perguntas e reperguntas, o cultivo de sentimentos, a explicação sistemática como forma de contribuir para a formação da verdadeira razão. Também o planejamento e a análise de experiências, a observação consciente, a criação de defesas mentais, o trabalho com imagens positivas e sempre construtivas, e acima de tudo o exemplo de quem ensina, entre tantos outros. A proposta da linha pedagógica logosófica é realizar tudo em meio a uma grande alegria, experimentada por quem educa e por quem é educado.

Nossa atuação educativa não precisa ser tão forte como um holofote, a ponto de atordoar com sua luz intensa e impedir que os educandos caminhem com as próprias pernas, nem tão tênue como a chama de uma vela, dificultando a visão do caminho que precisa ser seguido.

Equilíbrio! Aí está uma das palavras-chave em educação! Os que se acham envolvidos neste trabalho são conscientes de que se encontram ainda realizando as primeiras investigações e experiências sobre uma concepção cujas vastas projeções vão muito além do já realizado pela atual geração de educadores, mas são conscientes dos frutos e resultados de sua ação pedagógica, já documentados em inúmeros relatos e depoimentos.

Enfim, queremos para o Brasil uma educação verdadeiramente integral, consciente de seus objetivos superiores, que se estenda do Oiapoque ao Chuí, uma educação que formará o Brasil que haverá de ir além, um País que ultrapasse com seu exemplo quaisquer fronteiras e contribua para o bem e a felicidade de toda a humanidade!

Fica aqui o convite para que se conheça mais sobre a Pedagogia Logosófica e, quem sabe?, que muitos se unam aos educadores que a aplicam, nessa maravilhosa trilha da investigação e experimentação aberta pela Logosofia, ao descortinar uma nova forma de conceber, sentir e viver a vida!

Liara Sia M. Salles
Pedagoga pela UEMG, Especialista em Psicopedagogia, MBA em Gestão de Instituições Educacionais pela PUC ,Diretora do Colégio Logosófico – Unidade Funcionários – Belo Horizonte, Coordenadora Nacional do Colegiado do Sistema Logosófico de Educação

Lúcio de Andrade Fonseca

A Educação de que precisa o meu País – e o mundo

As competências exigidas dos profissionais e cidadãos hoje diferem radicalmente das que eram exigidas há 50 anos. E diferirão exponencialmente a cada ano que passar. Que novas competências serão estas? O sistema educacional que conhecemos dará conta de provê-las? "A função do sistema educacional é fornecer à sociedade CIDADÃOS EDUCADOS, em condição de garantirem sua própria sobrevivência e melhoria contínua e garantir a sobrevivência e melhoria contínua da própria sociedade" (Fonseca, L. – Qualidade e Produtividade no Sistema Educacional – Editora Universidade –2001.)

Na Era Agrícola, os filhos eram treinados diretamente pelos pais a repetir as seculares práticas agrárias dos mais velhos, sem questioná-las. Não havia um sistema de educação formal. E dava certo.

Na Era Industrial, crianças e jovens eram treinados para o paradigma "Faça tudo o que o seu mestre mandar", que encontrariam nas fábricas. Manda quem pode – o professor – e obedece quem tem juízo – o aluno. Cada aluno no seu "posto de trabalho" dentro da "linha de montagem", ouvindo obedientemente. Pensar? Nem pensar! E dava certo.

Com o advento da 3a. Revolução Industrial, a revolução técnico-científica, marcada pelo surgimento de tecnologias e áreas de conhecimento até então inexistentes, tudo começa a complicar. Diluem-se as fronteiras entre as diversas profissões e as diversas disciplinas: Biotecnologia, Química Industrial, Engenharia Bioquímica, Engenharia Genética, Biologia Molecular e outros híbridos.

Mas as coisas ficariam ainda piores: surge a Revolução Digital. E o nosso próprio jeito de estar no mundo muda. Combinando digitalização e convergência tecnológica com o Big Data (a fantástica massa de dados que cresce exponencialmente), começam a eclodir, em velocidade estonteante, novas tecnologias e modos de produção: Inteligência Artificial, Computação Cognitiva, Internet das Coisas, Impressão 3D, carros autônomos, economia compartilhada – Uber, AirBnb...), Indústria 4.0 e inovações disruptivas mil. Jovens, em várias partes do mundo, passam a fundar startups – empresas nascidas em casa, geridas da maneira mais informal, baseadas em idéias disruptivas para a solução de problemas reais e facilitação da vida das pessoas. Muitas delas em muito pouco tempo se tornam "unicórnios", ou seja, superam o valor de 1 bilhão de dólares! Bem-vindos à 4a. Revolução Industrial.

Neste admirável – e muitas vezes atemorizador – mundo novo, robôs e sistemas inteligentes nos prometem uma vida muito mais confortável – contudo também competem conosco pelos empregos. Começam com aqueles de tarefas repetitivas, mas evoluem para outros que exigem competências intelectuais bem mais avança-

das. Sete milhões de empregos serão extintos e 2 milhões de novos serão criados, até 2020 (Fórum Econômico Mundial). Esses últimos, porém, exigirão competências muito mais elevadas do que as de antes. São as chamadas Competências para o Futuro, cuja lista varia, de acordo com a fonte, mas que podem ser divididas, em síntese, em 3 áreas:

COGNIÇÃO: solução de problemas, pensamento crítico, análise de dados, domínio das TIC, criatividade, proatividade, decisão e outras similares;

INTERPESSOAL: negociação, cooperação, comunicação, resolução de conflitos, influência social, empatia, adaptação...

INTRAPESSOAL: cidadania, integridade, autodidatismo, saúde física e psicológica, metacognição, resiliência, interesse intelectual/curiosidade, flexibilidade...

Uma educação "industrial", compartimentada e engessada dará conta de formar o novo CIDADÃO EDUCADO requerido pelos novos tempos? Certamente não.

Haverá que se fazer uma revolução metodológica e estrutural na escola, para que ela continue relevante, preparando pessoas para superarem os robôs e atuarem em profissões que ainda nem existem.

Será necessário superar o modelo de "grade de horários", adotar as chamadas Metodologias Ativas, como a Aula Invertida e a Aprendizagem Baseada em Projetos, a Educação 3.0, a Educação Mão na Massa, a cultura Maker, incentivar a Robótica e a Programação, ao mesmo tempo que desenvolvendo as chamadas Soft Skills e as áreas da abordagem STEAM – Science, Technology, Engineering, Arts and Mathematics.

Esta é a educação que quero para o Brasil e para o mundo. É possível? Vários países já estão avançados nesta linha. E eu mesmo tenho tido o enorme prazer de ajudar uma centenária instituição confessional a fazer esta revolução em suas quatro escolas, em S. Paulo e Santos. Em pouco mais de um ano, um salto extraordinário. Tudo feito de forma planejada, com um suporte de estudos profundos e usando instrumentos modernos como o Design Thinking, para conseguir uma mudança efetiva e sustentável.

Acreditar que a mudança é necessária, preparar-se para ela, não ter medo de dar o salto: assim, em breve nos lembraremos, sem saudade, "da escola tão quadrada que tivemos até há pouquinho".

Lúcio de Andrade Fonseca
Consultor Educacional e Empresarial
lucio@luciofonseca.com.br

Sonia Simões Colombo

A gestão do capital humano nas instituições de ensino

Todo sucesso de uma empresa é construído com e pelas pessoas. Esse fato não pode ser ignorado pelos líderes, independentemente do tipo de atividade que realizam e do ambiente no qual estão inseridos.

As instituições de ensino dependem das competências e da performance de suas equipes. Prosperam quando profissionais talentosos desenvolvem processos e produtos eficazes, mais competitivos, e que estejam alinhados às necessidades do mercado e de seus clientes. Por outro lado, podem sucumbir quando há equipes ineficazes.

Os caminhos para o sucesso mudam com o tempo, de acordo com os movimentos da sociedade no âmbito das pressões econômicas, alterações nos modelos da gestão, transformações das estratégias para atender as novas demandas, entre outros.

É certo, porém, que, independentemente dos cenários nas quais as instituições estão inseridas, sempre precisarão de pessoas talentosas e capacitadas para fortalecerem processos que possam favorecer o crescimento da instituição.

Mas como podemos manter profissionais talentosos, competentes, comprometidos e produtivos? Para se obter uma resposta, cabe refletirmos inicialmente sobre o que é um talento e sobre a composição do capital humano.

A palavra "talento" teve o seu início na Antiguidade, mensurando uma unidade monetária, a quantidade de prata e ouro nas negociações. Hoje, assim como no passado, ter talento significa possuir algo valioso, uma habilidade, um dom ou uma vocação para uma determinada atividade.

Já a origem do termo "capital humano" surgiu mais recentemente, na década de 1960, por meio dos estudos de Theodore Schultz, que recebeu o prêmio Nobel de Economia de 1979, compartilhado com Arthur Lewis. Esse conceito foi popularizado, após, por outro grande economista, Gary Stanley Becker (prêmio Nobel de Economia de 1992), que expandiu a análise microeconômica para o comportamento e interação humana. O conceito de capital humano, centrado no talento, na educação, nas competências e na saúde, deriva do entendimento do capital fixo (equipamentos e tecnologias) e capital variável (salários).

Portanto, o capital humano é a força de trabalho de uma empresa, composto por pessoas que agregam valor e geram retornos financeiros.

Essas definições oriundas de economistas se devem ao entendimento de que um dos componentes para a desigualdade do desenvolvimento econômico de um país está relacionado às diferenças e peculiaridades das competências das pessoas.

Nos dias atuais, o conceito e a sua aplicabilidade, são usados largamente na maioria das organizações, por entenderem que a base de sustentação dos processos, das inovações, das

estratégias e da performance de alto desempenho, encontra-se alicerçada em um bem mais precioso: o seu capital humano. Contextualizando, capital humano é o conjunto das habilidades, competências, experiências, qualificações e conexões sociais que determinam, em um dado momento, as ações do indivíduo.

As empresas de classe mundial não vê em os seus colaboradores como recursos organizacionais padronizados; ao contrário, têm a visão de que o capital humano é o seu grande diferencial, criando ambientes e espaços para empreenderem, gerando condições de trabalho para que os seus talentos se desenvolvam e realizem-se profissional e pessoalmente. Isso, sem dúvida alguma, reverte para a organização com o comprometimento, respeito e motivação por parte de seus recursos humanos.

Já nas instituições de ensino, com raras exceções, não encontramos uma política interna para desenvolvimento de seus próprios talentos, uma realidade na contramão das tendências de outras empresas pertencentes a diversos segmentos da economia, que buscam constantemente o aperfeiçoamento e a capacitação de seus profissionais. Esse fato é um contrassenso, pois uma instituição de ensino tem, no cerne de sua missão, a formação e o desenvolvimento de profissionais para a sociedade, mas não promove, em sua grande totalidade, a capacitação de seu próprio corpo de colaboradores.

Para que possam utilizar plenamente todo o potencial de contribuição da força de trabalho, as instituições devem proporcionar programas de desenvolvimento tanto para os profissionais que ingressam na instituição quanto para os que já são integrantes, visando melhorias em seus desempenhos e ou preparando-os para ocuparem outras posições funcionais.

Portanto, o foco na capacitação e aperfeiçoamento contínuo dos membros da equipe deveria ser a tônica de atenção de todos os líderes, como forma de fortalecer os processos, as metodologias e os resultados de suas respectivas áreas.

É crucial que cada gestor educacional considere que são as pessoas que compõem a força motriz dos processos e que, portanto, são fundamentais para o desenvolvimento da instituição de ensino. Como resultado, ao investir nos atributos das competências que realmente farão a diferença, o líder e a instituição certamente obterão um ganho relacionado à qualidade do serviço oferecido, à produtividade de seus colaboradores e à satisfação de seus clientes.

Sônia Simões Colombo
Diretora Executiva da HUMUS e autora de vários livros em gestão educacional

Roberto

Dornas

Educar para Evoluir

Jamais o mundo viu, como hoje, tanta comunicação, tamanha quantidade de informação, tão grande soma de conhecimentos, desenvolvimento acelerado da tecnologia, novas técnicas em ritmo alucinante. Ainda não aprendemos a lidar com o aparelho mais recente, com a tecnologia e técnica de ponta, e já estão superados, substituídos. Não precisamos ir longe, basta recuarmos cinquenta anos, para constatar que parece ter havido o transcurso de quinhentos.
E o ritmo será, cada vez, mais acelerado.
No entanto, ao mesmo tempo, encontramos desde os muros pichados, passando pelos maus tratos à natureza, até chegarmos à falta de ética, à violência desenfreada, à ausência de solidariedade, à substituição do amor pelo domínio e pelo ódio, ao vício incontrolado, à corrupção descarada, ao desrespeito ao próximo, à fome, à desigualdade gritante, ao descompromisso e descumprimento da obrigação assumida. Exigem-se direitos e se esquecem dos deveres. Pede-se compreensão e tolerância, mas não se compreende e não se tolera.

Confundiu-se competência e capacidade com o competir e vencer de qualquer jeito. Instituiu-se como primordial o ter, o consumir de qualquer maneira, o ganhar e conseguir a vantagem custe o que custar e a quem custar. Até o por favor, o obrigado e o dá licença não são mais usados.

À evolução tecnológica com seus inegáveis benefícios corresponde uma involução do ser humano como gente. Voltamos à lei do mais forte e mais esperto, voltamos ao homem da caverna mais sofisticado, mais apetrechado, dispondo de meios e armas mais contundentes e mortíferos.
Em algum momento houve um erro, uma falha. Não se pode chamar de evolução o que nos deixa atemorizados, contidos, sem a liberdade de poder ser, sem o compromisso consigo mesmo, com o próximo, desumanizados, se houve o progresso técnico e material, a ele se contrapõe o retrocesso no que tange à sensibilidade, ao estético, ao princípio, ao sentimento humanitário e de amor ao próximo, ao que é transcendental e que não se mede ou se compra por dinheiro ou recursos materiais. Está faltando no mundo a transcendentalidade.
A ruptura surgiu da falha na educação. Confundiu-se o todo, educação, com a parte, ensino, tomando-se este por aquela. Valorizou-se o resultado, a aprovação, o sucesso no vestibular, o ganhar dinheiro muito e rapidamente, o prazer a qualquer custo, o mero domínio do conhecimento e da técnica, esquecendo-se do homem. A consequência é a angústia, a insegurança, a incerteza, o medo que nos assaltam. As pessoas não são felizes; apenas, de vez em quando, se alegram, por exercerem momentaneamente a riqueza, o poder, a notorieda-

de, o domínio, o consumo.
Educar é toda ação ou processo para dotar alguém da capacidade de se manter dignamente, de se achar bem consigo próprio e com sua coletividade, em convivência harmônica e pacífica, em bom grau de satisfação. É o meio para fazer alguém encontrar o bom senso, o equilíbrio, a paz interna e o relacionamento tranquilo e gratificante com o outro e com a coletividade.
O país, os povos e os mundos se desenvolveram, mas não evoluíram. A produção, a tecnologia, a comunicação rápida, o domínio da técnica e a massa de conhecimentos cresceram. Mas o homem, como ser humano, diminuiu, tomando-se inseguro e atormentado. Tomou-se um mero consumidor de produtos, serviços, máquinas, informações comunicações, prazeres, ideias. Perdeu a capacidade crítica e a individualidade, tomando-se apenas mais um igual a tantos outros. Perdeu até a cultura, as crenças e os costumes locais.
O ensino e a instrução se expandiram, mas a educação e a formação se encolheram.
O ser e a espécie humana, diferentes dos outros seres vivos, dotados de sensibilidade, sentido ético, gosto estético, princípios, valores imateriais, alma, transcendentalidade, involuíram.
Cuidou-se do ensino, da instrução, do conhecimento, da preparação para o trabalho, para vencer na vida, para derrotar, para amealhar bens, para consumir, para o prazer e se esqueceu dos valores internos, aqueles que movem e equilibram o indivíduo, que fazem apenas um de cada um, e não de cada um simples peça de uma grande engrenagem.
O resultado é que se tem o ser humano infeliz, estressado, insatisfeito com o mundo e consigo mesmo, cada vez mais viciado em drogas ou medicamentos, cada vez mais enfartado. A ordem social é iníqua e violenta; a ordem internacional mais ainda. Crescem as desigualdades e as legiões dos famintos e marginalizados. Se não houver uma consciente mudança para melhor, a qualquer hora, explodirão os bárbaros do século XXI, invadindo os castelos, os condomínios fechados, os guetos de riquezas mal distribuídas e teremos o começo de uma nova idade média. Não foram outros os motivos que levaram à derrocada as antigas civilizações greco-romanas e da Europa ocidental diante das tropas de Hitler.
Precisamos, após progredir materialmente, evoluir. Não serão revoluções, ideologias, guerras, consumismo, programas e mudanças de natureza política que farão a evolução. Eles serão apenas os sintomas de uma dor e de uma carência muito mais profundas.
O ser humano está precisando crer, acreditar em alguma coisa, ter valores internalizados e imateriais. Não é à toa que crescem e se multiplicam seitas e religiões. Cada um está sentindo necessidade de algo mais que o simples acesso ao con-

forto, bens materiais e prazeres fugazes. Busca-se algo mais, a transcendentalidade.

Mais do que nunca, necessita-se de educar para evoluir. Só a educação conduzirá à evolução. Mais importante que instruir – o que se consegue sozinho e com mais rapidez com o uso da tecnologia – é formar.

O educar, porém, se baseia em coisas simples que vêm sendo esquecidas: a disciplina que leva ao respeito a si mesmo e ao próximo, que evita a pichação, pequeno delito que – tolerado – abre caminho para os grandes; a consciência de que somos parte da natureza, que precisamos dela, e não seus predadores; o senso de ética e de amor ao próximo, que impede a violência e conduz à solidariedade; o vício da honestidade que elimina a corrupção; o cultivo da amizade e do amor; a consideração e respeito ao mais velho e à criança; o ter presente que nascemos iguais, vamos morrer iguais e teremos o mesmo fim; a compreensão de que há direitos e deveres e de que temos uma terra, uma língua e um povo que nos permitem nascer, viver, ter nossos hábitos, criar nossos filhos e netos e morrer; a crença de que cada um tem direito à sua individualidade, à sua liberdade, às suas opções; a compreensão de que a Terra é uma só, de todos e que todos têm o direito de comer, de se vestir, de se abrigar e de ser amparado quando doente; a percepção de que não somos únicos e sós, todos dependendo uns dos outros; a consciência de que riquezas, beleza e poderes vêm e vão, mas o que temos dentro e o que fazemos nos acompanham até o fim; o entendimento de que ninguém tem apenas o corpo, o qual, sem o ânimo que o movimenta, é matéria que apodrece rapidamente; o saber que temos sensibilidade, gosto estético, capacidade de amar.
Não há um momento esperado, uma idade escolar para começar a educar. A educação começa antes do nascimento; é tarefa e obrigação preferenciais dos pais, a ser complementada na escola, mas ao mesmo tempo de todos da coletividade em que se vive. É tarefa de toda hora, de qualquer lugar ou circunstância. A educação começa por pequenas coisas e continuada, não admitindo omissão. Das pequenas coisas é que se criam os grandes hábitos. É preciso educar dando a consciência de que somos responsáveis por tudo o que falamos, por menor que seja, trazendo consequências boas ou más, com que se tem de arcar.
É necessário deixar a ilusão de que se educa sem disciplinar, sem restrições, sem impor castigos adequados. O que se viu nas últimas décadas foi o medo do trauma, o medo de educar. Substituiu-se o autoritarismo, o magister dixit pela permissividade ou omissão, entender-se o não como criminoso. Criou-se a mística de que a criança e o jovem podem tudo, até tratar o mais velho, o professor, o superior como quiserem. O resultado não foi bom. É hora de retomar o meio termo, se quisermos a evolução e que o ser humano faça jus ao título de superior, que sente, raciocina, se organiza, se respeita e respeita, evoluindo sempre.

Se querem numa síntese a sugestão do que seguir, na dúvida, para educar bem, eu diria que pratiquem, deem o exemplo e ensinem: faça a você e aos outros, seja para você e os outros, aquilo de que gostaria que fossem e fizessem a você.

Para finalizar, acrescentaria que educar não é difícil, bastando não se omitir, ter bom senso e ser bem-intencionado, lembrando-se sempre de que não são o mundo e sociedade que fazem o homem, mas o homem é que os faz e modifica.

Roberto Dornas
Advogado, educador, presidente da CONFENEN – Confederação Nacional dos Estabelecimentos de Ensino e diretor-geral do Instituto Itapoã.

INSCREVA-SE

ENCONTROS
2º semestre/2018

BNCC: desafios e possibilidades
Priscila Pereira Boy

SINEP/MG Itinerante

O SINEP/MG irá - já está indo - às escolas fora de Belo Horizonte para lhes levar cursos, palestras, novidades pedagógicas e administrativas, diálogos reforçadores de confiança e amizade.
No primeiro semestre, visitamos as cidades de Contagem, Divinópolis, Viçosa e Pouso Alegre.
No segundo semestre, estaremos em Contagem, Divinópolis, Itajubá, Patos de Minas e Manhuaçu levando a palestrante Priscila Boy para falar sobre BNCC.

Contagem/Betim

27/08/2018 (segunda-feira)
9h às 11h
FACULDADE UNA DE CONTAGEM
Av. João César de Oliveira, 5775 - Beatriz, Contagem

Divinópolis

04/09/2018 (terça-feira)
9h às 11h
COLÉGIO ROBERTO CARNEIRO
R. Minas Gerais, 593 - Centro, Divinópolis

Itajubá

05/10/2018 (sexta-feira)
9h às 11h
COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS
R. José Joaquim, 36 - Varginha, Itajubá

Patos de Minas

22/10/2018 (segunda-feira)
9h às 11h
LOCAL A DEFINIR

Manhuaçu

13/11/2018 (terça-feira)
9h às 11h
LOCAL A DEFINIR

INSCRIÇÕES:
cursos.sergio@sinep-mg.org.br

(31) 99418-7980
(31) 3291-5844

SINDICATO DAS ESCOLAS PARTICULARES DE MINAS GERAIS
SINEP/MG
Rua Araguari, 644 - Barro Preto
BHte/MG - CEP:30190-114

BIS
Revista

PROPAGANDA.
Quem não faz...
Não APARECE.

Anuncie AQUI
e se torne **VISÍVEL**
no meio educacional.

ANÚNCIO

comercial.sergio@sinep-mg.org.br

31 99418-7980
3291-5844

SINDICATO DAS ESCOLAS
PARTICULARES DE MINAS GERAIS